



Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
PPG Psicologia - Mestrado em Psicologia Clínica

PROBLEMAS EMOCIONAIS E DE COMPORTAMENTO E
RELAÇÕES FAMILIARES EM ADOLESCENTES

BRUNA MORAES CARDOSO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

São Leopoldo, 2010



Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
PPG Psicologia - Mestrado em Psicologia Clínica

Problemas Emocionais e de Comportamento e
Relações Familiares em Adolescentes

Bruna Moraes Cardoso

Orientador: Prof. Maycoln L. M. Teodoro

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

São Leopoldo, 2010

Dedico esta dissertação a minha mãe Tânia Moraes, ao meu Pai Carlos Fontanari, ao meu noivo Claiton Tirello e, principalmente, ao meu Orientador: Prof. Maycoln L. M. Teodoro.

Agradecimentos

Na conclusão do meu trabalho, se fazem necessários alguns agradecimentos a pessoas muito especiais que me ajudaram, neste período tão importante de minha vida. Talvez, essa singela homenagem não consiga revelar, plenamente, tudo aquilo que quero agradecer. Que sejam, pois, estas palavras a expressão de minha gratidão por tudo o que lhes devo. Assim, expresso meus sinceros agradecimentos:

À minha amada mãe, Tânia Moraes, por ter me amparado com todo seu amor e dedicação.

Ao meu pai, Carlos Fontanari, pelo apoio prestado na realização dos meus estudos, acreditando, sempre, em meu potencial.

Aos meus queridos avós, Maria Sueli Moraes (in memoriam) e Noraci Moraes, pelo carinho, interesse e estímulo, presentes na minha infância.

Ao meu noivo, Claiton Giovanni Tirello, pelo carinho, atenção e paciência, constantemente, demonstrados.

Às minhas queridas amigas, pela compreensão, pela sincera amizade e por fazerem parte da minha história de vida.

À Luciene Faccin, pela amizade e dedicação em me ajudar de muitas formas na realização deste estudo e em todos os momentos de minha vida.

À Prof. Dra. Denise Falcke, pelas contribuições dadas com todo carinho.

À Prof. Dra. Carolina Lisboa, pelos incentivos e atenção dada em suas contribuições.

À Marcela Madalena, Giovana Pegaro e Elisa Hickmann Weber pela, também, cooperação no levantamento, da coleta de dados, no decorrer da realização deste estudo.

Às famílias e às escolas, que aceitaram participar deste estudo, pela disponibilidade e confiança.

À Prof^a Dr^a Edwiges Silves, pela disponibilidade em ser membro da minha banca, abrilhantando-a com seu prestígio.

À Prof^a Dr^a Clarissa Trentini, pelo carinho e interesse demonstrado em suas contribuições, todas muito gentis e pertinentes.

À Bruna Mônego, por todas as suas contribuições que foram fundamentais e imprescindíveis na realização deste estudo, sempre de forma dedicada e inteligente.

Ao meu professor, Maycoln L. M. Teodoro, que brilhantemente me orientou desde a escolha até a conclusão deste trabalho. Agradeço, reinteiramente, sua atenção, carinho e, principalmente, pela sua paciência.

Sumário

Apresentação.....	10
SEÇÃO I – Relatório da Investigação.....	11
Introdução	12
Objetivos	18
<i>Objetivo geral</i>	18
<i>Objetivos específicos</i>	18
Método	19
<i>Participantes</i>	19
<i>Instrumentos de coleta de dados</i>	19
<i>Questionário Sócio-demográfico</i>	19
<i>Inventário de Auto-Avaliação para Jovens (YSR)</i>	19
<i>Inventário de Auto-Avaliação para Adultos (ASR)</i>	20
<i>Inventário do Clima Familiar (ICF)</i>	20
<i>Procedimentos</i>	21
<i>Análise dos Dados</i>	22
Resultados	23
<i>Problemas Emocionais e de Comportamento (Externalizantes e Internalizantes)</i> <i>e Sistema Familiar</i>	23
<i>Percepção dos adolescentes</i>	23
<i>Percepção das mães</i>	24
<i>Percepção dos pais</i>	26
<i>Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes e de seus Pais</i>	27
<i>Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e de seus Pais</i>	29
<i>Intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos Pais com a</i> <i>Percepção das Relações Familiares pelos Adolescentes</i>	31
<i>Características Familiares de acordo com o Sexo e Idade do Participante</i>	32
<i>Problemas Internalizantes/Externalizantes e sexo dos adolescentes</i>	32
<i>Problemas Internalizantes/Externalizantes e a idade dos adolescentes</i>	33
Discussão.....	34
SEÇÃO II - Artigo de Revisão da Literatura: Conflito e Violência Conjugal e Problemas	

Internalizantes e Externalizantes em Adolescentes.....	40
Introdução.....	41
<i>Conflito e Violência Conjugal Efeitos Negativos do Conflito Conjugal para com os Adolescentes</i>	41
<i>Transtorno Depressivo e de Comportamento</i>	44
<i>Aspectos Dinamicamente Interligados aos Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes</i>	46
<i>Influências do Sexo do Adolescente</i>	47
<i>Psicopatologia Parental</i>	47
<i>Fatores Socioeconômicos</i>	48
<i>Divórcio Parental</i>	48
<i>Considerações Finais</i>	49
SESSÃO III - Artigo Empírico.....	51
Introdução.....	52
Método.....	59
<i>Participantes</i>	59
<i>Instrumentos de coleta de dados</i>	59
<i>Questionário Sócio-demográfico</i>	59
<i>Inventário de Auto-Avaliação para Jovens (YSR)</i>	59
<i>Inventário de Auto-Avaliação para Adultos (ASR)</i>	60
<i>Inventário do Clima Familiar (ICF)</i>	60
<i>Procedimentos</i>	61
<i>Análise dos Dados</i>	62
Resultados.....	63
Discussão.....	66
Considerações Finais.....	68
Referências	69
Anexos.....	79
Anexo A	80
Anexo B	81
Anexo C	82
Anexo D	83
Anexo E	85
Anexo F.....	86

Lista de Tabelas

TABELA 1 - Correlação de <i>Pearson</i> entre os Fatores do ICF do Adolescente e o YSR.....	23
TABELA 2 - Correlação de <i>Pearson</i> entre os Fatores do ICF e o YSR na Visão das Mães....	25
TABELA 3 - Correlação de <i>Pearson</i> entre os fatores do ICF e o YSR na visão dos pais.....	26
TABELA 4 - Correlações entre os Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes, das Mães e dos Pais.....	28 e 64
TABELA 5 - Correlações entre as Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e das Mães.....	29
TABELA 6 - Correlações entre as Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e dos Pais.....	30
TABELA 7 - Correlações entre as Percepções das Relações Familiares das Mães e dos Pais.....	30
TABELA 8 - Problemas Emocionais e de Comportamento dos Pais com a Percepção das Relações Familiares pelos Adolescentes.....	31 e 63
TABELA 9 - Média e Desvio Padrão dos Fatores do YSR Divididos por Sexo Masculino e Feminino.....	32

Resumo

Aspectos do Sistema Familiar como o Conflito Conjugal e a saúde mental dos pais têm sido relacionados a Problemas Emocionais e de Comportamento em adolescentes (PEC), manifestados por meio dos sintomas Internalizantes e Externalizantes. Este estudo teve como objetivo investigar os PEC e sua relação com aspectos do Sistema Familiar (Clima Familiar) na visão de adolescentes e seus pais. Participaram do estudo 187 estudantes (112 do sexo feminino e 75 do sexo masculino), 165 mães e 102 pais. A idade dos adolescentes variou de 11 a 16 anos (Média=12,89 DP=1,08). As mães tinham uma idade média de 39,3 anos (DP=6,8) e os pais 42,4 anos (DP=9,4). Os participantes foram avaliados através da aplicação de um questionário com questões sociodemográficas, do Inventário de Auto-Avaliação de Jovens de 11 a 18 anos (YSR, *Youth Self-Report*), do Inventário de Auto-Avaliação de Adultos de 18 a 59 anos (ASR, *Adult Self-Report*) e do Inventário do Clima Familiar (ICF). Os dados foram analisados por meio de estatísticas paramétricas. Os resultados indicaram, para os adolescentes, correlações positivas significativas entre o fator Hierarquia familiar e a maioria dos fatores relacionados aos Problemas Emocionais e de Comportamento como Queixas Somáticas ($r=0,18$, $p<0,05$), Ansiedade e Depressão ($r=0,18$, $p<0,05$), Comportamentos de Quebra Regra ($r=0,25$, $p<0,01$), Comportamento Agressivo ($r=0,32$, $p<0,01$), Problemas Internalizantes ($r=0,19$, $p<0,05$) e Problemas Externalizantes ($r=0,32$, $p<0,01$). Referente ao fator Conflito todas as análises indicaram uma correlação positiva com os fatores do YSR como Isolamento e Depressão ($r=0,23$, $p<0,01$), Queixas Somáticas ($r=0,21$, $p<0,01$), Ansiedade e Depressão ($r=0,30$, $p<0,01$), Comportamentos de Quebra Regra ($r=0,37$, $p<0,01$), Comportamento Agressivo ($r=0,38$, $p<0,01$), Problemas Internalizantes ($r=0,31$, $p<0,01$) e Problemas Externalizantes ($r=0,42$, $p<0,01$). Não foram encontradas correlações entre os Problemas Emocionais e de Comportamento do adolescente e de seu pai. Já os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes se correlacionaram de forma positiva e significativa com os Problemas Emocionais e de Comportamento das mães. Os resultados apontam para uma associação entre o Clima Familiar e Problemas Emocionais e de Comportamento. Também pode-se verificar, através deste estudo, que o relacionamento do adolescente com sua mãe parece mais associado à percepção das Relações Familiares e aos Problemas Emocionais e de Comportamento do que com seu pai.

Abstract

Many aspects of the family system such as marital conflict and parental mental health have been associated to adolescents' emotional and behavioural problems (EPB) manifested by internalizing and externalizing symptoms. The present study aimed to investigate the EPB and its relation to aspects of the family system (family climate) according to adolescents and their parents's view. The study investigated 187 students (112 females and 75 males), 165 mothers and 102 fathers. The adolescents' ages ranged from 11 to 16 (Average = 12,89 SD = 1,08), the mothers' average age was 39,3 (SD = 6,8) and the fathers' average age was 42,4 (SD = 9,4). Participants aging from 11 to 18 were assessed through a questionnaire with socio demographic questions from Youth Self-Report Inventory (YSR, Youth Self-Report), adults from 18 to 59 years old answered questions from an Adult Self-Report Inventory (ASR, adult Self-Report) and from a Familiar Climate Inventory (FAI). Parametric statistics were used to analyze the data. The results showed, considering the adolescents, significant positive correlations between the hierarchy factor family and most of the factors related to emotional and behavioural problems such as Somatic Complaints ($r=0,18$, $p<0,05$), Anxiety and Depression ($r=0,18$, $p<0,05$), Breaking-Rule Behaviours ($r=0,25$, $p<0,01$), Aggressive Behaviour ($r=0,32$, $p<0,01$), Internalizing Problems ($r=0,19$, $p<0,05$) and Externalizing Problems ($r=0,32$, $p<0,01$). The Conflict factor correlated positively to all YSR factors, such as Loneliness and Depression ($r=0,23$, $p<0,01$), Somatic Complaints ($r=0,21$, $p<0,01$), Anxiety and Depression ($r=0,30$, $p<0,01$), Breaking Rule Behaviour ($r=0,37$, $p<0,01$), Aggressive Behaviour ($r=0,38$, $p<0,01$), Internalizing Problems ($r=0,31$, $p <0,010$) and Externalizing Problems ($r=0,42$, $p <0,01$). A correlation between the adolescent' emotional problems and their father's problems was not found. Otherwise the adolescents' emotional and behavioural problems were significantly and positively correlated to the mothers' emotional and behavioural problems. These results showed an association between family climate and emotional and behavioural problems. It can also be verified based on this study that the relationship between adolescents and their mothers seems more similar or associated than the relationship between adolescents and their fathers , considering their perceptions of family relationships and the association of these perceptions and behavioural and emotional problems.

Apresentação

Vários estudos vêm investigando os Problemas Emocionais e de Comportamento na adolescência. De acordo com Achenbach (1991), Problemas Emocionais e de Comportamento caracterizam sintomas que podem ser Internalizantes (tristeza, retraimento, queixas somáticas e medo) e Externalizantes (dificuldade em controlar impulsos, hiperatividade, agressividade e presença de raiva e delinquência). As altas prevalências neste período de vida (Bhatia e Bhatia, 2007; Sawyer, Miller-Lewis, & Clark, 2006; Sourander, Niemela, Santalahti, Helenius & Piha, 2008) mostram-se associadas às exigências emocionais e comportamentais características desse período do desenvolvimento (Buehler, 2006). Além destas, existem as características individuais e, principalmente, as interações familiares de baixa qualidade que são tidas como um dos mais importantes fatores de risco para o aparecimento de transtornos durante o desenvolvimento humano (Silvares & Souza, 2008).

Desta forma, a presente dissertação tem por objetivo geral investigar os Problemas Emocionais e de Comportamento e sua relação com aspectos do Sistema Familiar (Clima Familiar) na visão de adolescentes e seus pais. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Os resultados da pesquisa foram dispostos em dois artigos, sendo um artigo de revisão e o outro empírico, além de um relatório de pesquisa.

Na primeira seção desta dissertação é apresentado o relatório de pesquisa, no qual todas as atividades relacionadas ao projeto estão descritas, bem como sua metodologia e resultados. Já na segunda seção, é apresentado um artigo teórico que realiza uma revisão sistemática de estudos que investigaram as consequências do Conflito e da Violência Conjugal nos filhos, ou seja, as possíveis relações entre o Conflito Conjugal e os Problemas Internalizantes e Externalizantes em adolescentes. Por fim, na terceira e última seção, é apresentado o artigo empírico, que exhibe os principais resultados encontrados sobre as associações da intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares realizada pelos adolescentes e os Problemas Emocionais e de Comportamento dos mesmos.

SEÇÃO I

Relatório da Investigação

Introdução

Pesquisas vêm indicando uma alta prevalência de Transtornos Emocionais e de Comportamento presentes na adolescência. Em um estudo realizado na Austrália, por exemplo, foi encontrado que 19% dos adolescentes tinham algum problema de saúde mental (Sawyer, Miller-Lewis, & Clark, 2006).

Segundo Achenbach (1991), Problemas Emocionais e de Comportamento são caracterizados por padrões sintomáticos que podem ser divididos em dois tipos, chamados de Externalizantes e Internalizantes. Problemas Externalizantes referem-se a comportamentos como dificuldade em controlar impulsos, hiperatividade, agressividade e presença de raiva e delinquência. Já os comportamentos Internalizantes são marcados pela tristeza, retraimento, queixas somáticas e medo.

Os achados sobre prevalência destes transtornos variam de cultura para cultura. Por exemplo, apesar de haver indícios de que exista um maior número de Problemas Externalizantes no sexo masculino e Internalizantes no sexo feminino (Canino et al., 2004; Hackett & Hackett, 1999), esta diferença não foi encontrada em uma pesquisa realizada no Brasil (Anselmi, Piccinini, Barros & Lopes, 2004). Outro fator influente neste tipo de estudos é o ano em que foi feita a pesquisa. Sourander, Niemela, Santalahti, Helenius e Piha (2008), em um estudo transversal realizado em três tempos (1989, 1999 e 2005) na Finlândia com crianças e adolescentes de 8 a 16 anos de idade, relataram que as meninas vêm apresentando mais sintomas de Depressão nos últimos anos. A explicação dos autores para este resultado está nas mudanças sociais em relação às expectativas e exigências precoces da cultura juvenil, à diminuição do período infantil, aos estressores diários e às expectativas físicas. Portanto, meninas experienciam de forma mais negativa esses acontecimentos da vida, além de também se mostrarem mais geneticamente vulneráveis.

Ainda com relação à Depressão, Bhatia e Bhatia (2007) encontraram que este transtorno afeta de 3% a 5% das crianças e dos adolescentes, gerando um impacto negativo no desenvolvimento, no desempenho escolar ou nas relações familiares e de amigos. Índices ainda maiores aparecem em um estudo realizado na Turquia, no qual foram investigados 846 alunos com idades entre os 14 e 19 anos. Utilizando a Escala Beck de Depressão (ponto de corte 19), foi encontrada uma prevalência de sintomas depressivos de 30,7% (Unsal & Ayranci, 2008). Um agravante importante para esses resultados é o fato de existir ainda uma

alta comorbidade entre essas crianças e adolescentes com Problemas Emocionais e de Comportamento, gerando assim, implicações significativas para a nosologia, tratamento e prognóstico desta população (Wolff & Ollendick, 2006).

A alta prevalência dos transtornos e suas comorbidades na adolescência está diretamente ligada às exigências emocionais e comportamentais características desse período do desenvolvimento. O adolescente necessita de uma grande capacidade de adaptação às mudanças típicas desta faixa etária, além de lidar e suportar os conflitos que acabam emergindo nesta fase de formação da identidade do indivíduo (Buehler, 2006). Para Dorsey, Forehand e Brody (2007), a identidade se desenvolve durante um período de exploração de várias alternativas, visto que os adolescentes necessitam fazer escolhas relativas ao seu futuro em inúmeros domínios da vida.

É durante este período que os jovens costumam delimitar suas metas, desenvolver seus talentos e padrões sociais. Porém, para isso, necessariamente precisa abandonar alguns de seus padrões infantis que se tornam inadequados. É uma fase na qual tem que se adaptar a uma nova configuração das tarefas desenvolvimentais relacionadas aos pares, de ambos os sexos, ao papel masculino e feminino e a aceitação da mudança da imagem corporal (Buehler, 2006).

Além destas características individuais, as interações familiares de baixa qualidade são tidas como um dos mais importantes fatores de risco para o aparecimento de transtornos durante o desenvolvimento humano (Silvares & Souza, 2008). Portanto, famílias com relacionamentos adequados podem ser consideradas como um fator de proteção para o aparecimento de futuras patologias infantis e adolescentes (Althoff, 2008; Costello, Rose, Swendsen, & Dierker, 2008; Dorsey et al., 2007; Harkness, Lumley, & Truss, 2008; Kapi, Veltsista, Kavadias, Lekea & Bakoula 2007). Assim, torna-se essencial o entendimento da relação entre Problemas Emocionais e de Comportamento em adolescentes e aspectos do Sistema Familiar, contribuindo deste modo para uma melhor identificação das potenciais metas de prevenção e de intervenção.

Os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes são vistos, sob o enfoque sistêmico, como sinalizadores de uma perturbação coletiva de seu ambiente familiar (Osório, 2002). Esta pode ser gerada, muitas vezes, pela sobrecarrega de seus membros em funções rígidas, injustas e estereotipadas, que fujam da normalidade e que podem estar ligadas a problemas não elaborados no passado. Estas famílias costumam ainda delegar às

futuras gerações a obrigação de resolver antigos conflitos em nome daqueles que já se foram, ou que ainda estão por vir. Alguns autores vêm apontando que adolescentes considerados como tendo alto risco para o desenvolvimento de Depressão e Ansiedade apresentam maior nível de humor deprimido quando na presença de familiares. Por outro lado, estes mesmos adolescentes sentem-se mais ansiosos em situações sociais fora da família (Schneiders et al., 2007).

Nichols e Schwartz (2007) utilizam-se do termo Estrutura Familiar para definir o padrão de organização e a forma com que os membros da família interagem. Essa é reforçada pelas expectativas de todos, que, conseqüentemente, são formadoras de regras no grupo familiar. A Estrutura Familiar é moldada tanto por questões universais como por limitações idiossincráticas. A Estrutura Hierárquica familiar é um exemplo, todas as famílias de alguma forma utilizam-se dela. Quando de forma adequada, sendo flexível ao permitir que os membros da família se adaptem as mudanças inerentes ao cotidiano, contribui para manter a funcionalidade familiar. Porém com frequência excessiva e atuando de forma arbitrária pode ser fonte geradora de conflito.

As famílias com relações funcionais, por outro lado, procuram resolver os problemas que aparecem no dia a dia, alcançar ideais plausíveis e se confortarem em situações difíceis, sempre em busca da felicidade comum. O desenrolar do ciclo de vida de uma família com relações conjugais e parentais funcionais oferece condições satisfatórias ao crescimento e ao bem-estar físico e mental de cada um de seus membros e da coletividade (Anton, 2000; Minuchin, 1985; Teodoro, 2009). De forma geral, nestes contextos, os adolescentes apresentam mais afeto positivo, menos irritação e ansiedade.

A percepção de Relações Familiares mais afetivas e menos conflituosas está relacionada a uma menor intensidade dos sintomas de Depressão em crianças e adolescentes. Em uma pesquisa com estudantes brasileiros, Cardoso, Teodoro e Freitas (2008) encontraram correlações negativas entre as Relações Familiares afetivas e sintomas depressivos. Por outro lado, o nível de conflito familiar correlacionou-se positivamente com a Depressão. A partir de uma classificação das famílias em tipos (baixa/alta afetividade e baixo/alto conflito), constatou-se que as crianças e adolescentes das famílias categorizadas como tendo alta afetividade e baixo conflito possuem intensidade dos sintomas de Depressão significativamente menor do que as categorizadas como tendo alta afetividade e alto conflito e baixa afetividade e alto conflito. Por estes resultados, pode-se perceber que as famílias com os

níveis mais elevados de conflito se encontram entre aquelas com maiores níveis de Depressão. Estes resultados estão de acordo com os de Sheeber, Hops, Alpert, Davis e Andrews (1997) que, por meio de um estudo longitudinal, investigaram as interações entre Apoio, Conflito Familiar e Sintomatologia Depressiva na visão da mãe e do adolescente. Os achados desta pesquisa mostraram que ambientes familiares mais favoráveis e menos conflituosos estavam associados a menor sintomatologia depressiva futura, sugerindo que a qualidade das interações familiares é relevante para a compreensão da evolução dos sintomas depressivos em adolescentes.

Em um estudo norueguês, Storksen, Roysamb, Holmen e Tambs (2006) investigaram a Ansiedade e Depressão em adolescentes e seus pais, além da ocorrência de divórcio. Os resultados mostraram que tanto o divórcio quanto a Ansiedade e Depressão dos pais estão relacionados com a intensidade de comportamentos Internalizantes nos filhos. A prevalência de adolescentes com sintomas graves de Ansiedade e Depressão foi de 14% no grupo de pais que não eram divorciados e não possuíam gravidade nesta sintomatologia. Por outro lado, a porcentagem de adolescentes com sintomas graves subiu para 30% quando os pais, além de divorciados, eram classificados como tendo altos níveis de Ansiedade e Depressão.

Apesar de estudos como os de Storksen et al. (2006) indicarem que o divórcio pode estar associado à ocorrência de Problemas Emocionais e de Comportamento na infância e adolescência, existem indícios de que a relação é moderada por várias outras variáveis, como o Conflito Conjugal. Em alguns casos, o divórcio acaba sendo um fator protetor, já que o casal com uma relação desgastada acaba gerando altos níveis de conflito ao ambiente familiar, o que os impossibilita educar e satisfazer as necessidades básicas do filho. Tais repercussões são extremamente prejudiciais ao desenvolvimento dos filhos. Portanto, o divórcio pode possibilitar uma organização para a família e a transformação de um ambiente com prejuízos causados pelo Conflito Conjugal em um mais harmonioso (Amato & Keith, 1991). Benetti (2006) ressalta que a relação entre Conflito Conjugal e Problemas Emocionais e de Comportamento nos filhos não pode ser feita sem se analisar como esse conflito se manifesta em termos de sua frequência, conteúdo e da forma com que será resolvido. Portanto, é importante abandonar a visão unidimensional do Conflito Familiar e partir para uma análise multidimensional da conflitiva parental e seus efeitos, ou seja, do contexto maior onde ocorrem os episódios do conflito. Pois tais efeitos também estariam relacionados à capacidade

cognitiva dos filhos de perceberem os episódios acontecidos e de definirem suas estratégias de enfrentamento.

Muitas vezes, o Conflito Conjugal está associado à saúde mental dos pais (Mullick & Goodman, 2005). Fleitlich-Bilyk e Goodman (2001), por exemplo, em suas pesquisas, verificaram tanto a perturbação psiquiátrica materna, quanto a qualidade do clima no ambiente familiar e depararam-se em seus resultados com um índice bastante significativo, no qual ambos são responsáveis por 28% da variância dos problemas comportamentais da criança, que poderão refletir, diretamente, na saúde mental do adolescente (Matud, 2007). A Depressão materna, assim como, a paterna tem sido relacionadas com aumento do Conflito Conjugal, estando esse relacionado com os Problemas Emocionais e de Comportamento dos filhos (Kouros, Merrilees, & Cummings, 2008).

Assim como aspectos do Sistema Familiar e saúde mental dos pais, o contexto social em que o adolescente está inserido relaciona-se aos Problemas Emocionais e de Comportamento. O ambiente social pode ser considerado como um importante fator de risco, quando não encontra fatores que contribuam para o desenvolvimento de sua saúde no âmbito emocional e comportamental (Mullick & Goodman, 2005). Da mesma forma, pode ser um importante auxílio na constatação de dificuldades emocionais e comportamentais, por ser o cotidiano social o contexto onde os adolescentes com Problemas Emocionais e Comportamentais mostram particularmente seu grau de vulnerabilidade. Adolescentes considerados como tendo alto risco para a formação de alguns transtornos psicológicos, identificados através da avaliação de Problemas Internalizantes e Externalizantes e de estressores psicossociais, sentem-se mais ansiosos na presença de situações sociais fora da rede de amigos e da família. Além disso, os autores relatam um maior sentimento de exclusão social, o que reforça sentimentos de baixa auto-estima e solidão, levando a evasão dos contextos sociais (Schneiders et al., 2007).

Muitos autores consideram também o nível Socioeconômico das famílias como um dos preditores de Problemas Emocionais e de Comportamentos em crianças e adolescentes. Membros de famílias com nível socioeconômico desfavorável seriam mais vulneráveis ao surgimento de Problemas Emocionais e de Comportamento na adolescência (Canino et al., 2004; Dorsey et al., 2007; Hackett & Hackett, 1999; Mullick & Goodman, 2005; Schneiders et al., 2007), assim como as de etnias não-brancas (Dubow & Luster, 1990; Voorhees et al., 2008). Essas condições afetam a vida social da criança ou do adolescente, fazendo com que

permaneça geográfica e socialmente em comunidades mais isoladas e, conseqüentemente, privada de redes de apoio (Halpern, 1993).

Ainda dentro do contexto no qual o sujeito está inserido, faz-se necessário destacar a escola, por ser esta uma das redes de apoio importantes para o desenvolvimento do adolescente. Porém, estas, também, podem mostrar-se como fatores de risco importante, de modo que escolas desorganizadas, com políticas inadequadas e nível sócio econômico baixo são consideradas inapropriadas para um bom suporte do adolescente, podendo até impulsioná-lo a maiores dificuldades emocionais, comportamentais e cognitivas (Mullick & Goodman, 2005). Tais dificuldades afetam diretamente a motivação acadêmica assim como, de forma mais indireta, a falta de amigos íntimos, que são um dos fatores sociais desencadeadores de Problemas Emocionais e Comportamentais em jovens gregos segundo o estudo realizado por Kapi et al. (2007). De forma geral, adolescentes, quando acompanhados de amigos fora do contexto da escola e da família, apresentam o afeto e o humor positivos aumentados. No entanto, sozinhos apresentam mais humor deprimido e menor presença de afeto positivo. Isso pelo fato do adolescente ter necessidade em estabelecer engajamento social (Schneiders et al., 2007).

Há ainda alguns eventos que podem acontecer no decorrer do período da adolescência e que independem de quaisquer fatores emocionais ou comportamentais controláveis discutidos anteriormente. Exemplos são o luto (Hackett & Hackett, 1999) e as doenças crônicas, como o câncer (Gazendam-Donofrio et al., 2007).

Enfim, a adolescência trata-se de uma fase crucial para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Tendo em vista a alta prevalência de Problemas Emocionais e de Comportamento encontrados nessa população mundial e brasileira, torna-se imprescindível conhecer os fatores de risco para tais perturbações psicológicas. A família tem sido apontada como um dos principais fatores de risco, entre tantos motivos, por ser ela responsável pela socialização inicial e para a concepção da identidade da criança e adolescente. Infelizmente, há poucos estudos que investiguem ambos os Transtornos Internalizantes e Externalizantes do Comportamento com as Relações Familiares, o que impede conclusões mais acuradas a respeito desta relação. Assim, essa pesquisa se justifica por oferecer para uma maior compreensão desta relação, contribuindo para uma melhor identificação das potenciais metas de prevenção e de intervenção na psicopatologia da infância e da adolescência, que repercutirá no desenvolvimento de novas e mais eficazes políticas públicas.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar os Problemas Emocionais e de Comportamento e sua relação com aspectos do Sistema Familiar (Clima Familiar) na visão de adolescentes e seus pais.

Objetivos específicos

- a) Correlacionar a intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento (Externalizantes e Internalizantes) com as características do Sistema Familiar percebida pelos adolescentes e pelos seus pais;
- b) Correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes com os Problemas Emocionais e de Comportamento dos seus pais;
- c) Correlacionar as percepções das Relações Familiares dos adolescentes com as realizadas pelos seus pais;
- d) Correlacionar a intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares pelos adolescentes;
- e) Comparar as características familiares de acordo com o sexo e idade do participante.

Método

Participantes

Participaram do estudo 187 estudantes de duas escolas públicas da cidade de São Leopoldo e Sapucaia, estado do Rio Grande do Sul, assim como, suas mães e seus pais. A amostra foi composta por 112 participantes adolescentes do sexo feminino (59,9%) e 75 do sexo masculino (40,1%). A idade destes variou de 11 a 16 anos (Média = 12,89, *DP* = 1,08). As 165 mães apresentaram idade média de 39,3 anos (*DP* = 6,8) e os 102 pais idade média de 42,4 anos (*DP* = 9,4).

Instrumentos de coleta de dados

Questionário Sócio-demográfico

Todos os participantes do estudo (adolescentes e seus pais) preencheram um questionário com questões sócio-demográficas, como profissão e escolaridade, e sobre a estrutura familiar, como número de filhos e situação conjugal (vide Anexos A, B e C).

Inventário de Auto-Avaliação para Jovens de 11 a 18 anos (Youth Self-Report [YSR], Achenbach & Rescorla, 2001)

O YSR faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado, desenvolvido por Achenbach (1991; Achenbach & Rescorla, 2001). Trata-se de uma variação do *Children Behavior Checklist* (CBCL, Achenbach, 1991), na qual o respondente é o próprio adolescente. O YSR é composto por oito escalas de Problemas de Comportamento: Ansiedade/Depressão, Isolamento/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas Sociais, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento de Quebra Regra, Comportamento Agressivo e Outros Problemas. Essas escalas são agrupadas em três níveis: Problemas Internalizantes (incluem as três primeiras escalas), Problemas Externalizantes (incluem as duas últimas escalas) e Problemas Totais (inclui todas as escalas analisadas e/ou Outros Problemas). Neste estudo, foi utilizada com os adolescentes uma versão do YSR adaptada pela Prof^a Dr^a Edwiges Silveiras (Rocha, Araújo, & Silveiras, 2008).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, da escala dos Problemas Externalizantes serão utilizados nos resultados, os fatores Comportamento de Quebra Regra (*alphas* de Cronbach 0,62) e Comportamento Agressivo (*alphas* de Cronbach 0,85) e, da escala

Problemas Internalizantes, os fatores Ansiedade/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,80), Isolamento/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,57), Queixas Somáticas (*alphas* de Cronbach 0,74).

Inventário de Auto-Avaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report [ASR])

O ASR é um inventário de auto-avaliação que faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado, desenvolvido por Achenbach (Achenbach & Rescorla, 2001; 2003) e avalia adultos de 18 a 59 anos de idade. No inventário estão incluídos 168 itens subdivididos em escalas sobre os Problemas de Comportamento Internalizante, Externalizante e Total. As respostas podem ainda serem classificadas de acordo com as seguintes síndromes: Ansiedade/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,85/mães e 0,89/pais); Isolamento/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,65/mães e 0,73/pais); Queixas Somáticas (*alphas* de Cronbach 0,76/mães e 0,70/pais); Problemas de Pensamento; Problemas de Atenção; Comportamento Agressivo (*alphas* de Cronbach 0,86/mães e 0,87/pais); Quebra de Regras (*alphas* de Cronbach 0,62/mães e 0,73/pais); e Comportamento Intrusivo (*alphas* de Cronbach 0,64/mães e 0,64/pais). Neste estudo, foi utilizada com os pais uma versão do ASR adaptada pela Prof^a Dr^a Edwiges Silves. Em função dos objetivos deste trabalho, apenas as escalas Comportamentos Internalizantes e Externalizantes serão utilizadas nos resultados, não especificando assim seus fatores.

Inventário do Clima Familiar (ICF)

O ICF investiga o Clima Familiar e é formado por itens baseados tanto em instrumentos internacionais como o *Family Climate Inventory* (Kurdek, Fine, & Sinclair, 1995) e o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES III, Olson, Portner, & Lavee, 1985) quanto em concepções teóricas dos fatores alvos (Coesão, Apoio, Hierarquia e Conflito). A elaboração das definições operacionais dos construtos orientou-se por aquelas utilizadas pelas escalas tidas como referências e em outros estudos (Gehring, 1998, Teodoro, 2005, 2006, Wood, 1985). O construto Conflito avalia a relação agressiva, crítica e conflituosa entre os membros da família (ex.: “Os conflitos são comuns”, “As pessoas criticam umas as outras com frequência”). O fator Hierarquia está relacionado a uma diferenciação clara de poder dentro da família, na qual as pessoas mais velhas possuem mais influência nas decisões familiares. Representa o nível de poder e de controle dentro do

Sistema Familiar (ex.: “É comum que algumas pessoas proíbam outras de fazer determinadas coisas sem explicar o porquê”; “Uns mandam outros obedecem”). A dimensão Apoio contém itens que descrevem o suporte material e emocional dos membros. Avalia a existência de suporte emocional e material dado e recebido dentro da família (ex.: “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”; “Quando alguém está doente, as outras cuidam dele”). Finalmente, a Coesão familiar foi definida como o vínculo emocional entre os membros da família. (ex.: “As pessoas sentem-se felizes quando toda a família esta reunida”; “As pessoas gostam de passear e fazer coisas juntas”).

O ICF possui 22 itens divididos nos fatores Conflito, Hierarquia, Apoio e Coesão (vide Anexo D). Os resultados psicométricos apontam para uma estrutura fatorial compatível com o modelo de quatro fatores e *alphas* de Cronbach superiores a 0,80 (Teodoro, Land, & Allgayer, 2007). O ICF foi aplicado tanto nos adolescentes como em seus pais.

Procedimentos

A participação dos adolescentes no projeto ficou sujeita à autorização por escrito dos pais (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] vide Anexos E e F). Da mesma forma, os pais assinaram o TCLE consentindo a sua própria participação. O projeto só teve início após sua aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

O contato com as famílias dos adolescentes foi realizado por meio dos mesmos nas escolas. A parceria com as escolas foi feita por meio de contato com a Secretaria Municipal da Educação e com as diretorias das escolas. Após a aprovação da secretaria e da direção da escola, os alunos receberam a visita do pesquisador em sala de aula, oportunidade na qual, foram informados sobre características gerais do projeto. Cada aluno interessado recebeu uma carta que deveria ser entregue aos seus pais. A carta continha informações gerais sobre a pesquisa, algumas perguntas sobre a estrutura da família e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado por um dos pais ou pelo responsável.

A aplicação dos instrumentos só foi realizada nos adolescentes após o recebimento deste termo pelo pesquisador. O entrevistador aplicou os instrumentos em sala de aula nos adolescentes nesta ordem, o Questionário, o YSR e o Inventário do Clima Familiar. Toda a aplicação durou, aproximadamente, 50 minutos. Após o término, os adolescentes receberam os instrumentos a serem preenchidos pelos pais em suas casas com as respectivas instruções.

Quando concluído, os pais entregaram o material aos filhos que devolveram a escola e essa repassou aos pesquisadores.

Os pesquisadores foram todos treinados para realizarem tanto o convite aos adolescentes a participarem da pesquisa, quanto a aplicarem os instrumentos nos mesmos. Os instrumentos preenchidos pelos pais foram enviados por meio dos adolescentes.

Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio de estatísticas paramétricas. As associações entre variáveis foram analisadas através de Correlação de *Pearson* e as comparações entre grupos foram realizadas por meio de Teste *t* para amostras independentes. Foi considerado como significativo todo resultado que obteve um $p < 0,05$.

Resultados

A descrição dos resultados será apresentada de acordo com os Objetivos Específicos propostos por essa dissertação.

Problemas Emocionais e de Comportamento (Externalizantes e Internalizantes) e Sistema Familiar

Percepção dos adolescentes

Foram realizadas correlações de *Pearson* para verificar a relação entre o Clima Familiar e os Transtornos Internalizantes e Externalizantes do adolescente. Os resultados estão na Tabela 1.

TABELA 1

Correlação de *Pearson* entre os Fatores do ICF do Adolescente e o YSR

	Apoio	Hierarquia	Coesão	Conflito
Isolamento e Depressão	-0,17*	0,08	-0,26**	0,23**
Queixas Somáticas	0,13	0,18*	-0,09	0,21**
Ansiedade e Depressão	-0,13	0,18*	-0,23**	0,30**
Comportamento de Quebra Regra	-0,16*	0,25**	-0,24**	0,37**
Comportamento Agressivo	-0,18	0,32**	-0,26**	0,38**
Problemas Internalizantes	-0,11	0,19*	-0,24**	0,31**
Problemas Externalizantes	-0,19*	0,32**	-0,27**	0,42**

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

Foram encontradas correlações negativas significativas do Apoio com o Isolamento e Depressão ($r = -0,17$, $p < 0,05$), Comportamento de Quebra Regra ($r = -0,16$, $p < 0,05$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,19$, $p < 0,05$). Não foram encontradas correlações significativas para as demais análises do fator Apoio. Com relação à Hierarquia familiar deparou-se com correlações positivas significativas entre a maioria dos fatores relacionados a aos Problemas Emocionais e de Comportamento como Queixas Somáticas ($r = 0,18$, $p < 0,05$), Ansiedade e Depressão ($r = 0,18$, $p < 0,05$), Comportamentos de Quebra Regra ($r = 0,25$, $p < 0,01$), Comportamento agressivo ($r = 0,32$, $p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = 0,19$, $p < 0,05$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,32$, $p < 0,01$). A única análise em que não se encontrou correlação significativa foi da Hierarquia com o fator Isolamento e Depressão ($r = 0,08$, $p > 0,05$). Quanto à Coesão, foram significativas as correlações negativas com os fatores Isolamento e Depressão ($r = -0,26$, $p < 0,01$), Ansiedade e Depressão ($r = -0,23$, $p < 0,01$), Comportamentos de Quebra Regra ($r = -0,24$, $p < 0,01$), Comportamento agressivo ($r = -0,26$, $p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = -0,24$, $p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = -0,27$, $p < 0,01$). Já no fator Queixas Somáticas ($r = -0,19$, $p > 0,05$) não houve correlações significativas com a Coesão. Referente ao fator Conflito, todas as análises indicaram uma correlação positiva com os fatores do YSR: Isolamento e Depressão ($r = 0,23$, $p < 0,01$), Queixas Somáticas ($r = 0,21$, $p < 0,01$), Ansiedade e Depressão ($r = 0,30$, $p < 0,01$), Comportamentos de Quebra Regra ($r = 0,37$, $p < 0,01$), Comportamento agressivo ($r = 0,38$, $p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = 0,31$, $p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,42$, $p < 0,01$). Salienta-se que a maioria das correlações descritas mostraram-se muito baixas.

Percepção das mães

Na Tabela 2 estão os resultados referentes à correlação de *Pearson* para verificar a relação de Clima Familiar e os Transtornos Internalizantes e Externalizantes da mãe.

TABELA 2

Correlação de *Pearson* entre os Fatores do ICF e o YSR na Visão das Mães

	Apoio	Hierarquia	Coesão	Conflito
Isolamento e Depressão	-0,31**	0,25**	-0,34**	0,45**
Queixas Somáticas	0,16	0,01	-0,14	0,26**
Ansiedade e Depressão	-0,24**	-0,20*	-0,29**	-0,39**
Comportamento de Quebra Regra	-0,22**	0,20*	-0,25**	0,43**
Comportamento Agressivo	-0,18*	0,33**	-0,29**	0,55**
Problemas Internalizantes	-0,24**	0,17*	-0,29**	0,41**
Problemas Externalizantes	-0,19*	0,33**	-0,28**	0,55**

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

Ao serem realizadas correlações de *Pearson* para examinar o Clima Familiar e os Transtornos Internalizantes e Externalizantes das mães foram encontradas, na maioria dos fatores, correlações significativas. Para o fator Conflito do ICF, foram encontradas correlações significativamente positivas em relação à Ansiedade e Depressão ($r = 0,39, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = 0,45, p < 0,01$), Queixas Somáticas ($r = 0,27, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = 0,55, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = 0,43, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = 0,41, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,56, p < 0,01$). Em relação ao fator Hierarquia, todos os fatores do YSR mostraram-se correlacionados positivamente de forma significativa, com exceção do fator Queixa Somática. Portanto apresentam correlações significativas com Hierarquia os fatores Ansiedade e Depressão ($r = 0,20, p < 0,05$), Isolamento e Depressão ($r = 0,26, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = 0,33, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = 0,20, p < 0,05$), Problemas Internalizantes ($r = 0,17, p < 0,05$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,33, p < 0,01$). Com exceção do fator Queixas Somáticas, a Coesão correlacionou-se negativamente com Ansiedade e Depressão ($r = -0,29,$

$p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = -0,34, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = -0,29, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = -0,25, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = -0,29, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = -0,28, p < 0,01$). Enfim, no fator Apoio familiar, da mesma forma que no fator Coesão, as correlações mostraram-se negativamente significativas, exceto com o fator Queixas Somáticas do YSR. De tal modo, foram observadas correlações da Coesão com Ansiedade e Depressão ($r = -0,24, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = -0,31, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = -0,18, p < 0,05$), Comportamento de Quebra Regra ($r = -0,22, p < 0,05$), Problemas Internalizantes ($r = -0,24, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = -0,19, p < 0,05$).

Percepção dos pais

Os resultados referentes à correlação de *Pearson* estão descritos na Tabela 3 para que se possa verificar a relação de Clima Familiar e os Transtornos Internalizantes e Externalizantes do pai.

TABELA 3

Correlação de *Pearson* entre os fatores do ICF e o YSR na visão dos pais

	Apoio	Hierarquia	Coesão	Conflito
Isolamento e Depressão	-0,44**	0,34**	-0,58**	0,52**
Queixas Somáticas	-0,35**	0,19	-0,41**	0,46**
Ansiedade e Depressão	-0,51**	0,36*	-0,64**	0,65**
Comportamento de Quebra Regra	-0,47**	0,27**	-0,53*	0,54**
Comportamento Agressivo	-0,47**	0,32**	-0,65**	0,59**
Problemas Internalizantes	-0,50**	0,35**	-0,64**	0,64**
Problemas Externalizantes	-0,46**	0,34**	-0,63**	0,63**

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

A maioria dos fatores referentes à percepção do pai sobre as Relações Familiares e os Problemas Emocionais e de Comportamento demonstrou ter correlações significativas. Deste modo, no fator Conflito familiar todas as correlações mostraram-se significativamente positivas em relação aos fatores do YSR como Ansiedade e Depressão ($r = 0,65, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = 0,52, p < 0,01$), Queixas Somáticas ($r = 0,46, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = 0,59, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = 0,54, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = 0,64, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,59, p < 0,01$). Da mesma forma, o fator Hierarquia familiar correlacionou-se positivamente de forma significativa com Ansiedade e Depressão ($r = 0,36, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = 0,34, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = 0,32, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = 0,27, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = 0,35, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,34, p < 0,01$). Somente não foi significativa a correlação da Hierarquia com Queixa Somática. Em relação ao fator Coesão familiar, todas as correlações mostraram-se negativamente significativas: Ansiedade e Depressão ($r = -0,65, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = -0,58, p < 0,01$), Queixa Somática ($r = -0,41, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = -0,65, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = -0,53, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = -0,64, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = -0,63, p < 0,01$). Enfim, para o fator Apoio familiar, da mesma forma, todas as correlações mostraram-se negativamente significativas: Ansiedade e Depressão ($r = -0,51, p < 0,01$), Isolamento e Depressão ($r = -0,44, p < 0,01$), Comportamento Agressivo ($r = -0,35, p < 0,01$), Comportamento de Quebra Regra ($r = -0,47, p < 0,01$), Problemas Internalizantes ($r = -0,50, p < 0,01$) e Problemas Externalizantes ($r = -0,46, p < 0,01$).

Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes e de seus Pais

Correlacionando os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes e dos pais observou-se que existiam correlações significativas positivas entre eles, sendo muitas delas moderadas. Os resultados estão descritos na Tabela 4.

TABELA 4

Correlações entre os Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes, das Mães e dos Pais

	Intern Adoles	Extern Adoles	Intern Mãe	Extern Mãe	Intern Pai	Extern Pai
Intern Adoles	-	-	-	-	-	-
Extern Adoles	0,59**	-	-	-	-	-
Intern Mãe	0,37**	0,21*	-	-	-	-
Extern Mãe	0,29**	0,26**	0,68**	-	-	-
Intern Pai	0,19	0,11	0,41**	0,39**	-	-
Extern Pai	0,12	0,11	0,35**	0,31**	0,79**	-

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

O fator Problemas Internalizantes do pai correlacionou-se positivamente com os Problemas Internalizantes ($r = 0,41$, $p < 0,01$) e Externalizantes ($r = 0,39$, $p < 0,01$) da mãe. Da mesma forma, o fator Problemas Externalizante do pai correlacionou-se significativamente com os fatores Problemas Internalizantes ($r = 0,35$, $p < 0,01$), Externalizantes ($r = 0,31$, $p < 0,01$) e com seus Problemas Internalizantes ($r = 0,79$, $p < 0,01$). Não foram encontradas correlações entre os problemas emocionais do adolescente e de seu pai.

Os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes se correlacionaram de forma positiva e significativa com os Problemas Emocionais e de Comportamento das mães. Desta forma, o fator Problemas Internalizantes do adolescente correlacionou-se com os fatores Problema Internalizantes ($r = 0,37$, $p < 0,01$) e Externalizantes ($r = 0,29$, $p < 0,01$) da mãe. Do mesmo modo, Problemas Externalizantes do adolescente correlacionou-se com Problemas Internalizantes ($r = 0,21$, $p < 0,05$) e Externalizantes ($r = 0,27$, $p < 0,01$) da mesma. Também, considerando cada um dos membros da família, se observou uma

correlação significativa entre os Problemas Externalizantes e os Problemas Internalizantes do pai ($r = 0,79, p < 0,01$), do Adolescente ($r = 0,58, p < 0,01$) e da mãe ($r = 0,68, p < 0,01$).

Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e de seus Pais

As correlações entre as percepções das Relações Familiares dos adolescentes com as suas mães, seus pais e entre os pais estão descritas nas Tabelas 5, 6 e 7.

TABELA 5

Correlações entre as Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e das Mães

	Apoio/Mãe	Hierarquia/Mãe	Coesão/Mãe	Conflito/Mãe
Apoio/Adolescente	0,48**	0,07	0,28**	-0,23**
Hierarquia/Adolescente	-0,19*	0,35**	-0,17*	0,34**
Coesão/Adolescente	0,34**	0,04	0,47**	-0,29**
Conflito/Adolescente	-0,36**	0,20*	-0,38**	0,47**

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

Como pode ser observado na Tabela 5, o fator Apoio na percepção do adolescente correlacionou-se significativamente de forma positiva com os fatores Apoio ($r = 0,48, p < 0,01$) e Coesão ($r = 0,28, p < 0,01$) na percepção materna. Assim como, negativamente, com a percepção de Conflito materno ($r = -0,23, p < 0,01$). O fator Apoio, na percepção do adolescente, não se correlacionou significativamente com nenhum outro fator. No que se refere à Hierarquia a percepção do adolescente mostrou-se significativamente correlacionada de forma positiva com a Hierarquia ($r = 0,35, p < 0,01$) e o Conflito ($r = 0,34, p < 0,01$) maternos. De forma negativa, correlacionou-se ao Apoio ($r = -0,19, p < 0,05$) e Coesão ($r = -0,17, p < 0,05$) maternos. Em relação à Coesão familiar, a percepção do adolescente foi correlacionada significativamente de forma positiva com os fatores Apoio ($r = 0,34, p < 0,01$) e Coesão ($r = 0,47, p < 0,01$) maternos. Já com o fator Conflito ($r = -0,51, p < 0,01$) materno a correlação foi significativamente negativa. Finalmente, o fator Conflito na percepção do adolescente correlacionou-se positivamente de forma significativa com a percepção materna do fator Hierarquia ($r = 0,20, p < 0,05$) e Conflito ($r = 0,47, p < 0,01$).

TABELA 6

Correlações entre as Percepções das Relações Familiares dos Adolescentes e dos Pais

	Apoio/Pai	Hierarquia/Pai	Coesão/Pai	Conflito/Pai
Apoio/Adolescente	0,12	-0,15	0,24*	-0,12
Hierarquia/Adolescente	0,11	0,32*	-0,05	0,71
Coesão/Adolescente	0,03	-0,17	0,32**	0,11
Conflito/Adolescente	0,03	0,22	-0,24*	0,25*

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

De acordo com a tabela 6 o fator Apoio na percepção do adolescente correlacionou-se significativamente de forma positiva apenas com o fator Coesão ($r = 0,24$, $p < 0,01$) na percepção no pai. O fator Hierarquia na percepção do adolescente correlacionou-se positivamente somente com a percepção de Hierarquia ($r = 0,32$, $p < 0,01$) paterna. Em relação à Coesão familiar, a percepção do adolescente foi significativamente positivamente com a percepção de Coesão ($r = 0,32$, $p < 0,001$) paterna. Finalmente o fator Conflito na percepção do adolescente correlacionou-se positivamente de forma significativa com a percepção paterna do fator Conflito ($r = 0,25$, $p < 0,01$) e negativamente com o fator Coesão ($r = -0,24$, $p < 0,05$). Para os demais fatores não foram encontradas correlações significativas. Correlações significativas também foram encontradas nas percepções de Clima Familiar entre os pais (Tabela 7).

TABELA 7

Correlações entre as Percepções das Relações Familiares das Mães e dos Pais

	Apoio/Pai	Hierarquia/Pai	Coesão/Pai	Conflito/Pai
Apoio/Mãe	0,33**	-0,05	0,28*	-0,30**
Hierarquia/Mãe	0,20	0,28**	-0,05	0,06
Coesão/Mãe	0,11	-0,08	0,35**	-0,32**
Conflito/Mãe	0,09	0,20	-0,17	0,35**

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

Entre os fatores Apoio ($r = 0,33, p < 0,01$), Hierarquia ($r = 0,28, p < 0,01$), Coesão ($r = 0,35, p < 0,01$) e Conflito ($r = 0,35, p < 0,01$) houve uma correlação positiva. O fator Conflito paterno correlacionou-se de forma negativa com os fatores Apoio ($r = -0,30, p < 0,01$) e Coesão ($r = -0,32, p < 0,01$) maternos significativamente.

Intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos Pais com a Percepção das Relações Familiares pelos Adolescentes

Ao correlacionar-se os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares dos adolescentes encontrou-se resultados significativos positivos entre alguns fatores (Tabela 8).

TABELA 8

Problemas Emocionais e de Comportamento dos Pais com a Percepção das Relações Familiares pelos Adolescentes

	Internalizante/ Mãe	Externalizante/ Mãe	Internalizante/ Pai	Externalizante/ Pai
Apoio ICF/ Adolescente	-0,10	-0,09	0,11	0,12
Hierarquia ICF/ Adolescente	0,17*	0,21*	0,08	0,09
Coesão ICF/ Adolescente	-0,15	-0,21*	-0,09	0,05
Conflito ICF/ Adolescente	0,22**	0,32**	0,07	0,06

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

Em relação aos Problemas Internalizantes maternos foram significativas e positivas as correlações com os fatores Hierarquia ($r = 0,17, p < 0,05$) e Conflito ($r = 0,22, p < 0,01$) na percepção do adolescente. Nos Problemas Externalizantes, as correlações foram, significativamente, positivas com os fatores Hierarquia ($r = 0,21, p < 0,05$), Conflito ([ICF] $r = 0,32, p < 0,01$), enquanto a correlação com o fator Coesão ($r = -0,21, p < 0,05$) foi,

significativamente, negativa. Já em relação aos Problemas Emocionais e de Comportamento do pai não houve nenhum fator que se mostrou significativo.

Características Familiares de Acordo com o Sexo e Idade do Participante

As diferentes percepções do relacionamento familiar entre grupos de adolescentes masculinos e femininos foram avaliadas pelo Teste *t*. Não foram encontradas diferenças significativas entre os fatores do ICF (Apoio, Hierarquia, Conflito e Coesão) de acordo com o sexo do participante. Já quanto a idade dos adolescentes, alguns fatores do YSR correlacionam-se positivamente.

Problemas Internalizantes/Externalizantes e sexo dos adolescentes

A Tabela 9 apresenta a média e o desvio padrão dos fatores do YSR de acordo com o sexo dos participantes.

TABELA 9

Média e Desvio Padrão dos Fatores do YSR Divididos por Sexo Masculino e Feminino

Fatores (YSR)	Sexo		<i>t</i> / Sig
	Masculino (<i>n</i> =75)	Feminino (<i>n</i> =112)	
Isolamento e Depressão	4,09 (2,54)	4,35 (2,37)	0,70
Queixas Somáticas	3,24 (2,83)	2,78 (3,01)	1,22
Ansiedade e Depressão	7,65 (5,62)	8,89 (4,78)	0,57
Comportamento de Quebra Regra	4,11 (2,86)	2,98 (2,40)	2,90*
Comportamento Agressivo	10,84 (7,08)	10,21 (5,68)	0,67
Problemas Internalizantes	14,99 (9,77)	16,21 (8,27)	0,93
Problemas Externalizantes	14,95 (9,49)	13,20 (7,41)	1,41

Nota: **p* < 0,05, ***p* < 0,01

Conforme a Tabela 9, pode-se observar os fatores do YSR e sua relação com o sexo dos adolescentes. O grupo masculino obteve escores significativamente superiores ao grupo feminino em Comportamentos de Quebra de Regra ($t = 2,90, p < 0,05$). Nos demais fatores não foram encontrados resultados significativos.

Problemas Internalizantes/Externalizantes e a Idade dos Adolescentes

A idade dos adolescentes correlacionam-se, positivamente com os fatores Comportamento Agressivo ($r = 0,17, p < 0,05$), Problemas Internalizantes ($r = 0,15, p < 0,05$) e Problemas Externalizantes ($r = 0,16, p < 0,05$). Para os demais fatores não foram encontradas correlações significativas.

Discussão

O objetivo deste estudo foi investigar os Problemas Emocionais e de Comportamento e sua relação com aspectos do Sistema Familiar (Clima Familiar) na visão de adolescentes e seus pais. A seguir, os objetivos, ora propósitos, serão discutidos conforme os resultados encontrados neste estudo.

Como forma de confirmar a importância das Relações Familiares para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, foram realizadas correlações de *Pearson* para verificar a relação entre o Clima Familiar e os Transtornos Internalizantes e Externalizantes do adolescente, sendo encontradas, na maior parte das análises, correlações significativas entre eles, dados estes que corroboram com inúmeras pesquisas já realizadas (Althoff, 2008; Anant & Raguram, 2005; Bowlby, 1969; Costello et al., 2008; Doorn, Branje & Meeus, 2007; Dorsey et al., 2007; Fincham, Grych, & Osborne, 1994; Harkness et al., 2008; Holtzworth-Munrol, Smutzler, & Sandin, 1997; Kapi et al., 2007; McFarlane, Groff, O'Brien, & Watson, 2003; Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007; Silvaes & Souza, 2008).

Desta forma, parece haver uma relação, mesmo que fraca, entre o Clima Familiar e Problemas Emocionais e de Comportamento. A baixa magnitude das correlações pode ser interpretada como não sendo o Clima Familiar o único aspecto interligado aos Problemas Emocionais e de Comportamento nos adolescentes, já que esses seriam de origem multicausal. Alguns dos outros fatores que podem estar envolvidos, de acordo com a literatura vigente, e que não foram investigados nesta pesquisa, são as Dimensões do Conflito (por exemplo, Intensidade e Frequência), estressores associados a Agressão Conjugal como o Abuso Infantil, Nível Socioeconômico (Machado, Goncalves, Matos, & Dias, 2007), Psicopatologia Parental (Holtzworth-Munrol et al., 1997) e o Divórcio (Forehand et al., 1989). Além da explicação mencionada acima, deve-se questionar o porquê muitas famílias desistiram de participar da pesquisa mesmo, a princípio, tendo os adolescentes demonstrado interesse, visto terem sido entregues 400 questionário e a pesquisa contar com a amostra de 187. Pode-se inferir que tais famílias, justamente, seriam as que apresentam um comprometimento maior tanto em relação ao Clima Familiar quanto aos Problemas Emocionais e de Comportamento. Assim, a hipótese consiste em que as famílias que não participaram teriam se sentido constrangidas em expor seus conflitos familiares e suas

limitações pessoais. Tais argumentos aludem que as correlações encontradas podem ser inferiores a realidade.

Como norteadora na definição dos efeitos causadores dos Problemas Emocionais e de Comportamento está a percepção do adolescente em relação às características do Sistema Familiar (Benetti, 2006; Forehand, Wierson, McCombs, Brody, & Fauber, 1989). Quando investigada, observou-se uma correlação negativa entre o Apoio e o Isolamento e Depressão, Comportamento de Quebra Regra e Problemas Externalizantes. Quanto à Coesão, foram, significativamente, negativas as correlações com os fatores Isolamento e Depressão, Ansiedade e Depressão, Comportamentos de Quebra Regra, Comportamento Agressivo, Problemas Internalizantes e Problemas Externalizantes. Esses resultados sugerem que quanto mais se sente apoiado pela família e a percebe como coesa, menor é a presença de Problemas Emocionais e de Comportamento no adolescente. De acordo com a perspectiva defendida por Sheeber et al. (1997), Parsons (2003) e Teodoro et al. (no prelo), de forma geral, em contextos familiares funcionais e saudáveis, os adolescentes apresentam mais afeto positivo, menos irritação e Ansiedade/Depressão. Suas pesquisas mostram ainda, em seus resultados, que há interações entre Apoio, Conflito Familiar e sintomatologia Depressiva, sendo que a percepção de Relações Familiares mais afetivas e menos conflituosas está relacionada a uma menor intensidade dos sintomas de Depressão em crianças e adolescentes. As mesmas pesquisas encontraram resultados, também, semelhantes aos deste estudo, nos quais, o nível de conflito familiar correlacionou-se, positivamente, com Problemas Emocionais e de Comportamento.

Para os adolescentes, a percepção da Hierarquia familiar está significativamente correlacionada aos seus Problemas Emocionais e de Comportamento (Osório, 2002) como Queixas Somáticas, Ansiedade e Depressão, Comportamentos de Quebra Regra, Comportamento agressivo, Problemas Internalizantes e Problemas Externalizantes. A hierarquia mostra-se um elemento importantíssimo na estruturação familiar, já que define as regras exercidas entre os membros da família, desenvolve a Segurança Emocional dos filhos, trazendo assim, a estabilidade e, conseqüentemente, a funcionalidade familiar (Nichols & Schwartz, 2007). Porém, de acordo com os resultados desta pesquisa que corroboram com as pesquisas já realizadas por Nichols e Schwartz (2007) e Schneiders et al. (2007), quando há uma sobrecarga parental em funções rígidas, injustas e estereotipadas, que fujam da normalidade, essa poderá ser geradora de conflitos na família. Straus (1988) sugere ainda que um estilo parental autoritário, rígido e/ou permissivo é mantido por famílias com Relações

Conjugais conflituosas como uma tentativa de retomar o controle da situação conflitante. No entanto, essa é fomentada, como mostram os resultados, pela falta de flexibilidade, já que a Hierarquia é imposta de forma arbitrária, não permitindo aos membros da família que se adaptem as mudanças inerentes ao cotidiano. Assim, o fator Hierarquia, demonstra estar, diretamente, interligado com os Problemas Emocionais e de Comportamento nos adolescentes.

No que se refere ao fator conflito, todas as análises indicaram uma correlação positiva entre os fatores do YSR, dado esse que é considerado altamente significativo e determinante dos Problemas Emocionais e de Comportamento por Amato e Keith (1991), Benetti (2006), Teodoro et al. (no prelo), Sheeber et al. (1997) e Storksén et al. (2006). Ainda, segundo Evans et al. (2008), adolescentes inseridos em famílias com conflito, principalmente, as que apresentam violência, têm menos satisfação em geral, maior nível de raiva, além de dificuldades no desempenho acadêmico. Tais sintomas, embora, estejam subentendidos nos fatores do YSR e do ASR, devido ao fator descritivo, facilitam o entendimento, ressaltando a relevância dos resultados apresentados nesta pesquisa.

O Conflito Conjugal, além de ser determinante no desenvolvimento de Problemas Emocionais e de Comportamento no adolescente, poderá modelar a forma com que esse se relacionará com amigos, colegas e parceiros amorosos futuramente (Bandura, 1977). Assim sendo, o conflito poderá direcionar o adolescente em sua forma de resolver suas próprias desavenças com o outro, já que as estratégias utilizadas para a resolução de problemas pelo filho mostram-se semelhantes às utilizadas por seus pais na vida conjugal (Doorn, Branje, & Meeus, 2007).

Ao se analisar, a relação existente entre a intensidade de seus conflitos emocionais e de comportamento e as características do Sistema Familiar na percepção paterna, encontrou-se resultados bastante semelhantes à percepção dos adolescentes. Ou seja, os fatores Apoio e Coesão correlacionaram-se, significativamente, de forma negativa com a maioria dos Problemas Emocionais e de Comportamento. E, contrariamente, ocorreu com os fatores Hierarquia e Conflito. Tais resultados vão ao encontro de Franck e Buehler (2007) e Davies e Windle (2001) que consideram que alguns fatores relacionados ao Clima Familiar mostram-se atenuantes dos Problemas Emocionais e de Comportamento.

De forma geral, as correlações na percepção das mães mostraram-se muito semelhantes às correlações na percepção dos pais e pouco se diferenciaram das dos

adolescentes (Snyder, Klein, Gdowski, Faulstich, & LaCombe, 1988), embora essas tenham tido um nível ainda maior de significância. Portanto a maioria dos fatores demonstrou ter correlações significativas. Tamanha significância é explicada através de estudos que revelou a influência materna como bastante significativa no desenvolvimento do filho (Adams & Laursen, 2007; Dorsey et al., 2007; Esposito-Smythers et al., 2006; Fleitlich-Bilyk & Goodman, 2001; Sourander et al., 2008; White, 1999; Wood, Klebba & Miller, 2000). Os resultados encontrados vão ao encontro do que é defendido por Osório (2002), de que os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes são vistos, sob o enfoque sistêmico, como sinalizadores de uma perturbação coletiva de seu ambiente familiar.

Os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e das mães correlacionam-se positivamente entre si. Porém, ao se correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento do adolescente com o de seu pai, observou-se que não existiam correlações significativas entre eles. Já, as correlações entre percepções da mãe e do adolescente mostraram-se positivas e significativas. Estes resultados podem ser compreendidos a partir do que é descrito por Adams e Laursen (2007), que postulam a teoria de que a percepção do afeto da mãe para com o pai interfere na forma com que a criança se relaciona com esse pai, assim como, o afeto do pai pelo filho está ligado à qualidade da relação conjugal. Ou seja, a relação pai e filho se mostra menos associada na correlação com os Problemas Emocionais e de Comportamento de ambos, sendo essa mediada pela mãe.

De forma semelhante, corroborando com Adams e Laursen (2007), no que diz respeito à sintonia entre os adolescentes e suas mães, ao se analisar a correlação entre a percepção das Relações Familiares dos mesmos, conclui-se que a díade apresenta-se em conformidade. Tais resultados podem ser explicados pela importância do papel do apego entre a relação mãe e filho que é desenvolvida desde a mais tenra infância, o que como resultado pode aproximar a díade, inclusive, quanto as suas percepções (Wood et al., 2000). Quando a percepção do adolescente foi comparada com a de seu pai notou-se que o fator Apoio não se correlacionou, significativamente, embora, os outros fatores tenham se correlacionado, significativamente, a forma foi menos intensa. Já a correlação entre as percepções da díade pai-mãe mostraram-se altamente significativas em todos os fatores, conforme também é descrito por Adams e Laursen (2007).

Ao correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares dos adolescentes, encontrou-se, da mesma maneira,

resultados significativos apenas entre alguns fatores maternos. Os Problemas Internalizantes maternos correlacionaram-se positivamente com a percepção de Hierarquia do adolescente. Já de forma negativa com a Afetividade. Quanto aos seus Problemas Externalizantes, as correlações positivas foram com a percepção do adolescente de Conflito e Hierarquia e as negativas com a Coesão e a Afetividade. Segundo Esposito-Smythers et al. (2006) a presença de Transtornos Emocionais e de Comportamento maternos, também, foi associada a menor coesão familiar, bem como maior conflito. Em seus achados o impacto negativo é apenas nos Problemas de Comportamentos Externalizantes. Dados esses que confirmam os achados descritos, também, em Adams e Laursen (2007), Dorsey et al. (2007), Esposito-Smythers et al. (2006) e Fleitlich-Bilyk e Goodman (2001).

Como os dados direcionam para o entendimento de que exista um grande entrosamento entre a percepção da mãe e do adolescente, os resultados referentes aos Problemas Emocionais e de Comportamento das mães estão relacionados com a percepção de Hierarquia por parte do adolescente, que se mostrou, por sua vez, também significativamente relacionada com os Problemas Emocionais e de Comportamento do mesmo. Ambos mostram-se atingidos pelo autoritarismo e pela rigidez expressa no fator Hierarquia.

Quando analisadas as diferentes percepções do relacionamento familiar entre o grupo de adolescentes feminino e masculino não foram encontradas diferenças significativas. Ao analisar a diferença entre ambos os sexos em relação aos Problemas Internalizantes e Externalizantes, foi encontrada diferença entre o grupo de adolescentes feminino e masculino no comportamento chamado Quebra-egra, no qual o grupo masculino obteve escores superiores ao grupo feminino. Tais achados corroboram com os estudos realizados por Canino et al. (2004), Evans, Davies e DiLillo, (2008), Hackett e Hackett (1999) e Sourander et al. (2008), onde há grande tendência dos meninos apresentarem maiores sintomas Externalizantes. No entanto, diferenciam-se dos estudos realizados por Anselmi et al. (2004) e McFarlane et al (2003) que não encontraram diferenças significativas entre os grupos.

A idade dos adolescentes correlacionou-se, positivamente, com o Comportamento Agressivo, Problemas Internalizantes e Externalizantes dos mesmos. O que vai de encontro ao estudo realizado por Evans et al. (2008) que não encontrou diferenças significativas. Tais resultados podem ser relacionados à amostra e às adversidades culturais da região pesquisada.

Enfim, resumidamente, os resultados demonstraram correlações positivas entre os Comportamentos Externalizantes/Internalizantes e o Conflito Familiar. Por outro lado, foram

encontradas correlações negativas destes sintomas com a Afetividade e o Clima Familiar na percepção dos adolescentes. Houve correlações positivas, apenas, entre as percepções dos adolescentes com suas mães. Da mesma forma, a percepção de conflito familiar realizada pelos adolescentes só correlacionou-se com os Problemas Emocionais e de Comportamento das mães. Esse dado sugere uma ligação menor entre os pais e os filhos, embora corrobore com a maioria das pesquisas, contrariando a pesquisa de Flouri e Buchanan (2003) que postula a relação com o pai como ainda mais determinante do que a relação com a mãe para o adolescente. As diferenças entre sexo nos adolescentes não foram encontradas, já a idade correlacionou-se com o aumento dos Problemas Emocionais e de Comportamentos dos mesmos.

A partir dos resultados desta pesquisa, observa-se que as relações familiares não seguem um protótipo linear de relacionamento entre os seus membros, tendo cada díade uma tendência de padrão relacional. Essa, de acordo com a história e evolução da humanidade, parece ser mutável, assim como o restante da natureza. Subentende-se que tais padrões e configurações costumam assumir inúmeras formas e configurações que variam mais ou menos de acordo com a cultura que a família está inserida.

Assim, a partir da extensa literatura vigente (Althoff, 2008; Cardoso, Teodoro e Freitas, 2008; Costello et al., 2008; Dorsey et al., 2007; Harkness et al., 2008; Kapi et al., 2007; Osório, 2002; Sheeber et al., 1997), entende-se a importância das Relações Familiares para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos adolescentes (Anton, 2000; Minuchin, 1985; Teodoro, 2009). Neste sentido, são necessárias pesquisas que contemplem maiores informações sobre os efeitos negativos das Relações Familiares disfuncionais no desenvolvimento de Transtornos Emocionais e de Comportamento em adolescentes, já que é crescente o aumento da prevalência de tais transtornos neste período de vida (Bhatia & Bhatia, 2007; Sawyer et al., 2006; Sourander et al., 2008; Unsal & Ayranci, 2008). Além disso, acredita-se que as diferenças entre os padrões e configurações familiares e suas mutações ao longo da história da humanidade devam ser melhor exploradas em novas pesquisas. E que serão estas informações que ajudarão não só a desenvolver novas políticas públicas e melhoria nos atendimentos clínicos. Mas evolução em todo o entendimento da psicologia em relação ao sujeito e, ainda mais, sobre o universo.

SEÇÃO II

Artigo de Revisão da Literatura

Conflito e Violência Conjugal e Problemas Internalizantes e Externalizantes em Adolescentes

Introdução

O Conflito Conjugal é um problema sério que atinge milhões de casais e seus filhos a cada ano. Embora seja um desafio histórico, suas consequências têm recebido considerável atenção por pesquisadores e clínicos somente nos últimos anos (Holtzworth-Munrol, Smutzler, & Sandin, 1997). Muitos psicólogos e profissionais da saúde não estão bem informados sobre essa problemática, assim como não receberam treinamento formal em relação ao trabalho com vítimas de tais conflitos. Como consequência desses fatos muitas das vítimas, ao procurarem ajuda psicológica eram diagnosticados de forma inadequada e, conseqüentemente, recebiam tratamento ineficaz (Holtzworth-Munrol et al., 1997).

Tendo em vista a importância e relevância deste assunto, esse artigo tem como objetivo principal realizar uma revisão sistemática de estudos que investigaram as conseqüências do Conflito e da Violência Conjugal nos filhos. Espera-se, desta forma, oferecer subsídios aos profissionais da psicologia para um melhor entendimento sobre a relação entre o Conflito Conjugal e os Problemas Emocionais e de Comportamento na adolescência.

A seleção dos artigos para a revisão foi feita nas bases Isi Web of Knowledge, Bireme (LILACS, IBCS, MEDLINE, Biblioteca Cocharane e SCIELO) e PEPSIC no período de fevereiro a julho do ano de 2009. Foram utilizados os seguintes descritores: *Domestic Violence; Marital Violence; Marital Conflict; Spouse Abuse; Child Behavior Problem; Adolescent Behavior Problem; Child Emotional Problem; Adolescent Emotional Problem; Externalizing Disorder; e Internalizing Disorder.*

Considerando os artigos escritos em inglês e português, foram encontrados 234 artigos na base Isi Web of Knowledge, 398 na base Bireme e nenhum na base PEPSIC. Cada resumo do artigo foi lido e selecionado de acordo com o objetivo do estudo. Retirados os artigos repetidos e aqueles que não se adequavam a este artigo, restaram 29 artigos que serão explorados nas seções subsequentes.

Conflito e Violência Conjugal e seus Efeitos Negativos para com os Adolescentes

Cabe salientar que os construtos Conflito Conjugal e Violência Conjugal não dizem respeito ao mesmo fenômeno. O Conflito Conjugal refere-se, de forma mais abrangente, a todas as dimensões da vida a dois que podem ser focos de discórdia e insatisfação conjugal, não, necessariamente, envolvendo violência. A violência pode se manifestar pela forma física,

sexual ou emocional em alguns relacionamentos, geralmente, onde o Conflito Conjugal é mais severo. Neste trabalho, optou-se por revisar a literatura abrangendo tanto as questões de Conflito Conjugal, propriamente dito, como de Violência Conjugal, por acreditar-se que ambos podem repercutir nos Problemas Emocionais e de Comportamento dos filhos, ainda que em graus diferenciados.

A agressão pode ser manifestada de forma aberta, quando é explicitamente dirigida ao parceiro, ou encoberta, quando é velada, atingindo o parceiro de alguma forma. Ambas as formas desempenham um papel importante no desenvolvimento de Problemas Emocionais e de Comportamento em adolescentes (Whittaker & Bry, 1991).

Jarvis e Novaco (2006) encontraram dados que indicaram que uma considerável parcela das mulheres agredidas por seus parceiros tinha histórico de agressão física e sexual na infância em sua família de origem. A maioria das mulheres foi exposta à violência em suas casas durante a infância: 23 (37%) testemunharam a violência, sendo também alvo de abuso físico ou sexual, seis (10%) foram atingidas diretamente e presenciaram o abuso emocional e/ou verbal, 11 (18%) testemunharam a violência entre outros membros da família, mas não experimentaram o abuso direto, e 22 (35%) não relataram nenhuma violência na família de origem. Assim, um dos preditores para violência entre parceiros é o testemunho de violência entre os pais (Linder & Collins, 2005).

Embora a Violência Conjugal tenha consequências negativas diretas para o casal, os filhos de lares violentos, também, são vítimas (Holtzworth-Munrol et al., 1997). Entre as pesquisas investigadas a grande maioria delas aponta para uma relação altamente significativa entre o Conflito Conjugal e os Problemas Emocionais e de Comportamento na infância e adolescência (Anant & Raguram, 2005; Holtzworth-Munrol et al., 1997; McFarlane, Groff, O'Brien, & Watson, 2003; Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Postula-se que as Relações Conjugais têm, de forma geral, um papel fundamental na regulação das emoções do adolescente. Tal influencia é possível através da Aprendizagem Observacional, do Processo de Modelação, do Referenciamento (Morris et al., 2007) e da Transmissão Genética, estando a percepção do próprio adolescente, assim como, sua avaliação do conflito, interligada com todos estes processos (Forehand, Wierson, McCombs, Brody, & Fauber, 1989).

De forma ainda mais contundente, há influências dos pais na regulação das emoções dos filhos quando as práticas parentais são especificamente relacionadas à gestão das

emoções. Também, observa-se que as emoções de crianças e adolescentes são afetadas pelo clima emocional familiar, através dos estilos parentais, relação de apego, principalmente com a mãe, a expressividade da família e, finalmente, da qualidade das relações parentais (Wood, Klebba, & Miller, 2000).

Levando em conta toda a influência existente dos pais para com os filhos, Forman e Davies (2003), em uma amostra de 220 adolescentes e seus cuidadores primários, examinaram a relação entre instabilidade das relações familiares e o funcionamento psicológico dos adolescentes a partir de seus sintomas Internalizantes e Externalizantes. Os resultados foram analisados a partir de modelos de equações estruturais e indicaram que a instabilidade familiar aumenta o risco do adolescente desenvolver Problemas Internalizantes e Externalizantes.

Da mesma forma, em um estudo qualitativo realizado na Índia, foram analisados dois estudos de caso, nos quais foi investigado o papel do Conflito Conjugal dos pais na manutenção de problemas de conduta do adolescente. Os autores constataram que grande parte dos Problemas de Comportamento manifestados pelos adolescentes como o Transtornos de Conduta, relacionam-se, diretamente, com seu contexto familiar (Anant & Raguram, 2005).

Snyder, Klein, Gdowski, Faulstich e LaCombe (1988) realizaram uma pesquisa com o auto-relato dos pais sobre o Conflito Conjugal e sua relação com os Distúrbios Emocionais e Comportamentais de seus filhos. Os resultados mostraram que as descrições das dificuldades emocionais e comportamentais de seus filhos correlacionaram-se positivamente com as suas descrições de insatisfação tanto com a relação pai-filho quanto com a relação conjugal

Em um estudo de meta-análise, Evans, Davies e DiLillo (2008) examinaram a relação entre a exposição do adolescente à violência doméstica e seus Problemas Internalizantes e Externalizantes. Foram revisados 60 estudos, sendo o efeito médio ponderado 0,48 e 0,47 para a relação entre a exposição à violência doméstica e sintomas Internalizantes e Externalizantes. Seus resultados mostraram semelhanças com os estudos apresentados anteriormente, ou seja, a exposição à Violência Conjugal mostrou-se associada a um risco aumentado de adolescentes e crianças desenvolverem Problemas Emocionais e Comportamentais.

Dekovic e Buist (2005), ao examinar a rede de Relações Familiares (díade pai-adolescente, díade mãe-adolescente, díade pai-mãe e irmão-adolescente), encontraram que os

sintomas Internalizantes e Externalizantes do adolescente estariam mais ligados a relações conflitivas nas quais ele estaria, diretamente envolvido (díade pai-adolescente, díade mãe-adolescente e díade irmão-adolescente). Corroborando com tais achados Forehand, Long, Brody e Fauber (1986) também concluíram que os sintomas Externalizantes do adolescente correlacionam-se à relação do adolescente com o pai e com a mãe (Wood et al., 2000). Os sintomas Internalizantes e Externalizantes podem se manifestar no adolescente em vários âmbitos, além de na própria saúde física (Jarvis & Novaco, 2006).

Tomando por base uma perspectiva sistêmica de interferência do Conflito Conjugal nos Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes, Wood et al. (2000) postularam que a forma que a família interage influencia, também, na saúde física de seus filhos. Sua pesquisa com crianças e adolescentes asmáticos, investigou se há relação entre a percepção da qualidade do relacionamento dos pais, a triangulação dos filhos em conflitos conjugais e a segurança sentida no relacionamento entre os pais e os filhos. De acordo com os resultados, estes fatores estariam associados ao sentimento de desesperança e ao mecanismo de ativação do tônus vogal, vias, estas, comprometidas com a asma. Assim, tal pesquisa encontrou indícios de que Problemas Emocionais e de Comportamento repercutem na saúde física dos sujeitos.

Em relação às repercussões negativas causadas pelo Conflito Conjugal no âmbito emocional, pesquisas apontam para algumas áreas do comportamento que mais se mostram afetadas quando adolescentes são expostos ao Conflito Conjugal como a auto-estima, competências sociais e resolução de problemas (Evans et al., 2008). Adolescentes inseridos em famílias com violência verbal e/ou física têm menor satisfação em geral, maior nível de raiva (Evans et al., 2008), além de dificuldades no desempenho acadêmico (Forehand et al., 1986). A exposição à violência doméstica pode provocar sintomas de trauma sob forma de imagens ou pensamentos intrusivos dos eventos em sonhos ou *flashbacks*, hiperatividade ou respostas exageradas e tristeza (Evans et al., 2008).

Transtorno Depressivo e de Comportamento

Dentre os Transtornos Emocionais mais pesquisados na adolescência, principalmente aqueles associados ao Conflito Conjugal na família, está a Depressão (Kloep, 1995; Perks & Jameson, 1999; Purper-Ouakil, Michel, & Mouren-Simeoni, 2002). Davies e Windle (2001) investigaram, em 360 díades mãe-adolescente, as associações

entre a Discórdia Conjugal e as trajetórias de sintomas Depressivos na adolescência e delinquência por meio de três fatores: Temperamento, Problemas de Comportamento na infância e Apoio Familiar percebido. Os resultados da pesquisa apontaram que a presença de Temperamento Difícil nos adolescentes potencializou os efeitos da Discórdia Conjugal, o que mostra que ambos os conflitos podem se influenciar. Por outro lado, a percepção elevada do Apoio da Família protege os adolescentes dos efeitos negativos da Discórdia Conjugal. Adolescentes com histórico de Problemas de Comportamento foram, inicialmente, menos vulneráveis a Discórdia Conjugal. No entanto, elevados níveis de sintomas Depressivos exibidos desde a infância e que persistem até a adolescência mostram estar presentes apenas quando eles foram expostos a Discórdia Conjugal elevada.

A vulnerabilidade à Depressão em crianças e adolescentes, segundo Purper-Ouakil et al. (2002), está, da mesma forma, associada com o pobre Funcionamento Psicossocial, às altas Comorbidades Psiquiátricas e a episódios recorrentes ou ao início do Transtorno Bipolar. Com isso, o risco familiar para Transtornos Depressivos envolve tanto os fatores genéticos quanto os psicossociais. Estando a Discórdia Conjugal, má comunicação e as práticas parentais disfuncionais, frequentemente, presentes nas famílias com Transtornos Afetivos. Assim tais fatores podem ser implicados em uma maior vulnerabilidade à Depressão. Por exemplo, Perks e Jameson (1999) investigaram os Problemas Comportamentais e sintomatologia Depressiva em uma amostra de 60 alunos que vieram de lares onde os pais eram violentos e lares não violentos. Os resultados indicaram que alunos cujos pais eram violentos e que experimentavam, inclusive Discórdia Conjugal, mostraram níveis, significativamente, mais altos de Depressão e Problemas Comportamentais dos que os alunos não expostos à Violência Doméstica.

Em relação aos Transtornos de Comportamento, Becker, Stuewig, Herrera e McCloskey (2004) investigaram a delinquência na adolescência e identificaram que esta estava associada à sintomas expressos desde a infância incluindo a crueldade contra animais e que estes estavam diretamente associados à Violência Conjugal. Da mesma forma, Cummings, Goeke-Morey e Papp (2003) consideram que as formas de comportamento agressivo utilizadas pelos adolescentes (Hostilidade, Insulto, Atitude Defensiva, etc) estão relacionadas ao funcionamento conjugal. Porém mencionam que as reações emocionais desses durante o Conflito Conjugal estão relacionadas à sua própria adaptação.

Aspectos Dinamicamente Interligados aos Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes

Em decorrência da sua origem multicausal, os Problemas Emocionais e de Comportamento dos filhos não dependem exclusivamente da relação conjugal. Alguns outros fatores que podem estar envolvidos são as dimensões do conflito (por exemplo, intensidade e frequência), variáveis relacionadas ao filho, como o sexo e idade e estressores associados à agressão conjugal como o abuso infantil, psicopatologia parental (Holtzworth-Munrol et al., 1997) e o divórcio (Forehand et al., 1989). As pesquisas, ao mesmo tempo, vêm demonstrando que o nível socioeconômico familiar é uma variável importante neste caso (Machado, Goncalves, Matos, & Dias, 2007). Todas estas variáveis tornam-se diretivas no processo de influência, devido à forma bi-direcional que atinge as práticas parentais (Anant & Raguram, 2005; Forehand et al., 1989).

Como forma de analisar se as dimensões do conflito são influências legítimas dos Problemas Emocionais e de Comportamento, Jarvis e Novaco (2006) realizaram um estudo com 62 mulheres que haviam sofrido maus tratos graves por parte do parceiro e que foram encaminhadas para um programa de abrigo com seus filhos entre os 4 e os 18 anos. Os resultados descritivos mostraram que em, 65% dos casos, a mulher sofria ameaça de morte, 47% tinham experimentado abuso físico pelo menos uma vez por mês, 50% tinham sofrido abuso sexual pelo menos uma vez e 65% tinham experimentado diariamente abuso emocional e/ou verbal. Os agressores das mães eram, muitas vezes, os pais biológicos dos filhos (77%), mas, também, eram padrastos (11%) e namorados das mães (8%). Duas crianças foram expostas à violência sofrida pelas mães por seus pais biológicos e, mais tarde, por padrastos. Vinte e sete (44%) crianças foram vítimas de abuso direto. Destas crianças, 18 sofreram abuso físico, sete abuso sexual e duas sofreram violência física e abuso sexual. O abuso sexual é uma forma de violência, diretamente, ligada à criança e aos adolescentes, porém mostra-se, normalmente, associado ao Conflito Conjugal. Essa, por sua vez, é uma variável importante de ser investigada e que também está relacionada a altos níveis de Problemas Emocionais e de Comportamento. Em seus resultados a média dos escores do CBCL para a Internalização dos filhos foi 58,1 ($DP = 11,7$) e para Externalização foi de 56,4 ($DP = 11,9$). Para os escores de Internalização, 26% das crianças estavam na faixa clínica e 16% eram Borderline. Para os escores de Externalização, 23% estavam na faixa clínica e 11% eram Borderline. Crianças maltratadas tiveram maior Internalização ($M = 61,0$, $DP = 13,3$) e Externalização ($M = 57,0$,

$DP = 12,3$). No entanto, estas diferenças não foram significativas (Jarvis & Novaco, 2006). Os resultados mostraram que, em geral, crianças e adolescentes de mães que sofreram violência apresentam significativamente mais Internalização e Externalização de comportamentos que crianças de mães que não sofreram violência.

Influências do Sexo do Adolescente

Em relação à variável gênero, Evans et al. (2008) referiram que adolescentes femininas que conviviam com o Conflito Conjugal dos pais tendiam a apresentar mais sintomas Internalizantes (ou seja, Depressão, baixa auto-estima), enquanto os adolescentes do sexo masculino apresentavam mais sintomas Externalizantes. Em relação aos sentimentos, na adolescência, as meninas tendiam a apresentar mais sentimentos de tristeza, enquanto os meninos vão mostravam mais sentimentos de raiva. Contrariando este estudo, McFarlane et al. (2003) encontraram que a média de pontuação de Comportamentos Internalizantes para meninos e meninas de 12 a 18 anos de idade não se diferenciaram significativamente.

Psicopatologia Parental

Outro fator que se mostra altamente relacionado aos Problemas Emocionais e de Comportamentos e influenciador do Conflito Conjugal é a patologia parental (Forman & Davies, 2003; Franck & Buehler, 2007). Essa variável também esteve relacionada com a visão de insegurança familiar, sendo que essa presume dificuldades conjugais e individuais dos pais. Todo esse processo está relacionado à intensidade da instabilidade familiar que é definida pelos autores como uma agregação cumulativa de eventos familiares disruptivos que minam a continuidade, coerência e previsibilidade da família na perspectiva do filho (Holtzworth-Munrol et al., 1997).

Franck e Buehler (2007) analisaram um modelo de processo familiar associado com Problemas de Comportamento nos adolescentes em uma comunidade de 416 famílias. A hostilidade e Depressão conjugal geram o estresse familiar que, por sua vez, foi associado à presença de Problemas de Externalização e Internalização na adolescência. Os resultados, entretanto, diferiram com relação ao sexo do genitor. Quando a Depressão é por parte das mães, há uma associação com os Problemas Internalizantes dos adolescentes. Por outro lado, a Depressão paterna mostra-se associada tanto a Problemas Internalizantes como

Externalizantes. Entretanto, para Forehand et al. (1986), os Problemas Externalizantes do adolescente apenas estão relacionados ao nível de Depressão materna.

Fatores Socioeconômicos

Os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais, em algumas pesquisas parecem estar associados, dentre muitos fatores, com o Nível Socioeconômico familiar. O estresse econômico associa-se, positivamente, ao estado emocional de ambos os pais, a Conflitos Conjugais, à diminuição da felicidade conjugal e à diminuição da qualidade da relação mãe-filho. Conger et al. (1992) concluem que estes sintomas interferem diretamente na capacidade dos pais em educar seus filhos, o que o autor chama de interrupção da parentalidade hábil. Desta forma dificuldades econômicas mostram-se, mesmo que indiretamente, relacionadas aos Problemas Emocionais e de Comportamentos dos adolescentes, tanto no sexo feminino como masculino (Lempers & Clark-Lempers, 1997).

Gerard e Buehler (1999) também identificaram que a dificuldade econômica é um fator de risco significativo para a Internalização de Problemas de Comportamento na adolescência. No mesmo sentido, Kloep (1995) apresentou um modelo de ciclo vicioso do relacionamento dos pais com as filhas, no qual a dificuldade econômica influencia negativamente na felicidade conjugal, que, por sua vez, promove dificuldades no relacionamento dos pais para com os filhos, estando essas variáveis relacionadas com a Depressão e Comportamento Anti-social nas meninas. Assim, quanto mais as filhas apresentam Depressão e Comportamentos Anti-sociais, recebem dos pais menos atenção e mais hostilidade.

Divórcio Parental

Além da interferência do Conflito Conjugal nos Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes, a influência da variável divórcio é investigada por Forehand et al. (1989). Sua pesquisa foi realizada a partir de uma amostra de 142 jovens e suas mães, sendo 80 provenientes de famílias intactas com Conflito Conjugal e 62 de pais recém-divorciados. Os dados foram colhidos sob a perspectiva do adolescente, da mãe e do professor de estudos sociais. Os resultados indicaram que tanto na amostra de famílias intactas quanto nas divorciadas, quando houve a presença de Conflito Interparental, os adolescentes apresentaram Problemas de Comportamento, estando algumas nuances

relacionadas aos diferentes contextos vivenciados. A Externalização de Comportamentos esteve, diretamente, relacionada com o Conflito Parental em casais divorciados e, indiretamente, através da percepção dos adolescentes em famílias intactas. Tal fato é explicado a partir do contexto do conflito que se mostrou diferente nas duas amostras. Através da percepção dos pais, foi significativa a correlação dos Problemas Internalizantes com o Conflito Parental em ambas as amostras. No entanto, indiretamente, através da percepção dos adolescentes, os Problemas Internalizantes só se correlacionaram com o conflito, significativamente, para amostra de casais divorciados. Assim os autores concluem que vários mecanismos parecem influenciar na forma com que o Conflito Parental interfere nos Problemas Emocionais e Comportamentais dos adolescentes.

Mesmo muitas pesquisas apontando os efeitos negativos do Conflito Conjugal em seus resultados, há alguns fatores que estão relacionados ao Clima Familiar que se mostram atenuantes deste processo, como a Afetividade (Franck & Buehler, 2007) e o Apoio (Davies & Windle, 2001). Cummings, Schermerhorn, Davies, Goeke-Morey, e Cummings (2006) acreditam, ainda, que a Segurança Emocional sentida pelo adolescente na relação parental seja determinante em relação ao efeito causado pelo Conflito Conjugal nos Problemas Emocionais e de Comportamentos de adolescentes.

Desta forma, Davies e Forman (2002) identificaram três perfis em adolescentes, sendo, o primeiro, de adolescentes Seguros, que demonstram preocupações bem reguladas e representações positivas das relações interparentais; o segundo, de adolescentes Inseguros-preocupados, que evidenciam aflição aumentada e representações negativas das relações interparentais; e, o terceiro, de adolescentes Inseguro-contínuos que apresentam sinais evidentes de medo elevado, impulsividade e representação negativa das relações interparentais. O Conflito Interparental vivenciado por adolescentes leva os Inseguro-preocupados a apresentarem sintomas Internalizantes, já os Inseguro-contínuos apresentam altos níveis de sintomas Externalizantes. Quanto aos adolescentes seguros, estes mostram-se sem níveis significativos de Problemas Emocionais e de Comportamento, parecendo mais fortalecidos diante do Conflito Parental.

Considerações Finais

Concluindo a análise de todos os estudos revisados entende-se que o Conflito Conjugal tenha um impacto conclusivo nos Problemas Emocionais e de Comportamento dos

adolescentes. Além disso, alguns estudos apontaram, em seus resultados, influências para além do âmbito psicológico, sendo a saúde física atingida e, até mesmo, desempenho acadêmico prejudicado.

Porém, entende-se que os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes não estejam apenas relacionados ao Conflito Conjugal, existindo algumas outras variáveis que interferem em seus efeitos, como é o caso do sexo, da idade do adolescente e de alguns estressores associado ao Conflito Conjugal em si (divórcio, situação Econômica, patologia Parental). Por fim, ainda existe a influência dos fatores protetivos que, mesmo com a presença do Conflito Conjugal, podem minimizar seus efeitos em relação aos Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes que são o temperamento e a segurança sentida pelo adolescente.

Evans et al. (2008), ao desenvolver seu estudo de meta-análise sobre o tema em questão, descreveram dificuldades em razão da incipiência da literatura nesta área. Por exemplo, há uma falta de acordo quanto à definição em relação à exposição à Violência Doméstica. Referem que em alguns estudos feitos, apenas por tomar consciência da violência, os indivíduos eram considerados como se tivessem sido expostos à mesma. Já, em outros, a exposição consistia em presenciar atos violentos entre o casal. A maioria dos pesquisadores não avalia se a violência é unidirecional (perpetrado por um cuidador) ou bidirecional (perpetrada por ambos os cuidadores). Enfim, problematizam a importância de que os futuros investigadores não apenas dicotomizem uma experiência tão complexa e multifacetada como a exposição a violência doméstica.

A partir do que foi descrito neste artigo, tendo em vista a interferência do Conflito Conjugal nos Problemas Emocionais e Comportamentais dos adolescentes é que se entende a necessidade de um maior número de estudos nesta área. Quanto mais abrangente for a compreensão desta relação, melhor será a identificação das potenciais metas de prevenção e de intervenção da psicopatologia na infância e adolescência que repercutirá no desenvolvimento de novas e mais eficazes políticas públicas e na evolução dos tratamentos clínicos. Desta forma, conclui-se que todas as informações científicas apresentadas neste estudo mostram-se fundamentais para que os profissionais da psicologia e da saúde em geral possam abordar com seus pacientes o construto apresentado neste artigo de forma a ajudá-los efetivamente.

SEÇÃO III

Artigo Empírico

Introdução

Muitos autores, há algum tempo, vêm investigando a relação entre Problemas Emocionais e de Comportamento (PEC) presentes na adolescência e aspectos do Sistema Familiar (Althoff, 2008; Costello, Rose, Swendsen, & Dierker, 2008; Dorsey, Forehand, & Brody, 2007; Harkness, Lumley, & Truss, 2008; Kapi, Veltsista, Kavadias, Lekea, & Bakoula 2007; Osório, 2002; Cardoso, Teodoro, & Freitas, 2008). Os resultados, de modo geral, indicam que os sintomas Internalizantes e Externalizantes dos adolescentes estão relacionados com as Relações Familiares de baixa qualidade.

A adolescência, por si só, é uma fase na qual são muitas as exigências emocionais e comportamentais sofridas pelos indivíduos (Buehler, 2006). Neste período, ocorrem muitas mudanças em suas vidas tanto biológicas e culturais quanto psicossociais, já que se configura como o período de formação da identidade (Parsons, 2003).

Para os pais, a adolescência dos filhos se mostra um período difícil e desafiador. É neste momento que a família tem que se adaptar a um novo funcionamento gerando um ambiente que promova o crescimento e desenvolvimento dos filhos. A falta de um efetivo enfrentamento das situações de crise, baixa capacidade de resolução de problemas, além de seus próprios problemas psicológicos podem estar relacionados à desestruturação familiar neste período (Parsons, 2003). A família em situação de crise pode ser considerada como um fator de risco para o aparecimento de Problemas Emocionais e de Comportamento nos adolescentes (Silvares & Souza, 2008). Por tais aspectos, é que é alta a prevalência dos transtornos e suas comorbidades nesta fase de vida (Sawyer, Miller-Lewis, & Clark, 2006).

O efeito do Clima Familiar no bem-estar psicológico dos adolescentes passou a ser pesquisado nos últimos anos, sendo o Conflito Conjugal um dos reconhecidos fatores de risco para Problemas Emocionais e Comportamentais nos adolescentes (Morawska & Thompson, 2009). Alguns autores salientam que tais efeitos estão condicionados à percepção do adolescente em relação às características do sistema familiar, sendo estas norteadoras na definição dos efeitos causadores dos Problemas Emocionais e de Comportamento (Benetti, 2006; Forehand, Wierson, McCombs, Brody, & Fauber, 1989).

Os resultados negativos gerados pela baixa qualidade das interações e do Clima Familiar podem, também, estar presentes desde a infância e gerarem Transtornos Emocionais e de Comportamento somente na adolescência (Matud, 2007). Em seu estudo longitudinal,

este autor analisou o grau de sobreposição entre múltiplas formas de maus tratos e estressores internos e externos à família sofridos por crianças e suas repercussões na adolescência. Seus achados sugerem uma forte associação entre maus tratos (abuso físico e sexual, negligência e exposição à Violência Doméstica) e estressores familiares (Conflitos Familiares, Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e constrangimentos externos sobre a família) com os PEC na adolescência. Buehler, Benson e Gerard (2006) demonstraram que a interferência materna se mostra mais significativa que a paterna, principalmente, no desenvolvimento de Problemas de Comportamentos Externalizantes. Tais dados corroboram com os achados de Adams e Laursen (2007), no que diz respeito a forte interação entre o adolescente e sua mãe. Além desses fatores, o nível socioeconômico e sexo, também, foram preditivos para Internalização e Externalização de Comportamentos.

Teorias do funcionamento familiar sugerem que as famílias com relações conjugais conflituosas podem manter um estilo parental autoritário, rígido ou indulgente e permissivo, juntamente com tentativas esporádicas de controle. Tais estilos parentais parecem ser peculiares em adolescentes que, desde sua infância, são vítimas de abuso (Straus, 1988).

David, Steele, Forehand e Armistead (1996) concluíram que o Conflito Conjugal, em geral, é mais perturbador para a criança ou adolescente do que para os próprios pais. Morawska e Thompson (2009), da mesma forma, confirmaram a hipótese de que o conflito dos pais influencia mais os Problemas Emocionais e Comportamentais das crianças e adolescentes do que atinge o relacionamento do casal ou a satisfação conjugal. Também como resultado, neste mesmo estudo, o Conflito Conjugal mostrou-se preditivo dos Problemas de Comportamento dos filhos, seja ele exercido na frente da criança ou de forma velada. Na mesma direção, Grych e Fincham (1990) argumentaram que o Conflito Parental que é frequente, mal resolvido, intenso e relacionado com o adolescente, é mais prejudicial a esse que testemunha do que os conflitos que são resolvidos de forma amigável e não envolvem o mesmo.

Resultados de vários estudos sugerem que os adolescentes que testemunham o Conflito Conjugal têm um aumento da vulnerabilidade em muitas áreas do funcionamento Cognitivo e Comportamental, incluindo auto-estima (Bishop & Ingersoll, 1989), relacionamento pai-filho (Jenkins & Smith, 1991), funcionamento social (Forehand, McCombs, Long, Brody, & Fauber, 1988) prejuízos no âmbito acadêmico (Kouros, Merrilees, & Cummings, 2008) e psiquiátrico (King, Radpour, Naylor, Segal, & Jouriles, 1995; Turner

& Kopiec, 2006). Davies e Cummings (1994) propuseram que a natureza dos efeitos do conflito sobre os adolescentes se daria através da sensação de Segurança Emocional. Da mesma forma, Kouros et al. (2008) relacionaram o Conflito Conjugal com a insegurança dos filhos. Expandindo para além da relação pai-filho postularam que a Segurança Emocional seria desenvolvida no adolescente de acordo com a segurança sentida em outros subsistemas da família (por exemplo, o sistema interparental). Em suas pesquisas surgiram evidências que a Segurança Emocional seria uma variável explicativa que ligaria o Conflito Conjugal ao ajustamento dos adolescentes.

Kouros et al. (2008) e Davies, Schacht e Cummings (2009) relatam que ameaças à Segurança Emocional motiva a criança e o adolescente a realizarem respostas emocionais e comportamentais ao conflito em questão e às suas representações cognitivas da família como forma de regular a situação para reconquistar seu senso de Segurança Emocional. Ainda, adolescentes são propensos a se comunicar através de comportamentos desviantes para chamar a atenção (Straus, 1988).

Como já descrito, muitas investigações têm confirmado o impacto negativo do Conflito Conjugal e/ou Violência sobre as crianças e adolescentes (por exemplo, Fincham, 1994; Grych & Fincham, 1993; Hurley & Jaffe, 1990; Jenkins & Smith, 1991; Richter & Martinez, 1993; Wolfe, Zak, Wilson, & Jaffe, 1986). Tanto crianças como adolescentes que testemunham Violência Conjugal tem sido identificados como propensos a desenvolver problemas psicológicos e comportamentais como o Estresse Pós-traumático (Burman & Allen-Meares, 1994), sintomas Somáticos (Dorsey et al., 2007; Kapi et al., 2007), a baixa escolaridade (Moore et al., 1990), o aumento de Problemas Comportamentais e psicopatologia (Markwood, 1997). Para muitas crianças, em lares violentos, a grande vantagem da separação dos pais é a cessação da Violência Familiar. No entanto, não é incomum a continuidade do Conflito/Violência após o divórcio/separação. Esses afetam negativamente a adaptação das crianças a situação de divórcio/separação (Johnston, 1994). O impacto negativo do Conflito/Violência Conjugal nas crianças e adolescentes poderá, também, continuar assim após a separação dos pais (Kline, Johnston, & Tschann, 1991).

Corroborando, Lee (2001) investigou os efeitos da mediação emocional dos adolescentes e suas estratégias de regulação sobre a relação entre estado civil dos pais e a Violência Conjugal. Os resultados indicaram a Violência Conjugal em famílias intactas ou com o divórcio/separação está associada com os Problemas Internalizantes dos adolescentes.

Esses relataram emoções negativas, de tristeza e raiva. A Violência Conjugal emergiu como preditora dos Problemas Comportamentais que, nesta pesquisa, mostraram-se frequentes e graves o suficiente para colocá-los dentro da faixa clínica de risco.

Segundo Adams e Laursen (2007), a percepção dos episódios de Conflitos Conjugais dos pais pelos filhos está diretamente ligada à forma com que o próprio jovem interage com mãe, pai e amigos. Quando os filhos caracterizam a mãe como tendo qualidades relacionais negativas, eles próprios costumam apresentar relações conflituosas nos ambientes sociais que frequentam. Por outro lado, quando os filhos classificam como adequada a forma com que a mãe costuma se relacionar, eles tendem a apresentar uma melhor resolução de problemas de relacionamento na escola. Já a percepção do afeto da mãe para com o pai interfere na forma com que a criança se relaciona com esse pai, assim como o afeto do pai pelo filho está ligado à qualidade da relação conjugal, segundo White (1999). Porém, Bradford, Vaughn e Barber (2008) postulam que quando qualidade conjugal é pobre, os pais podem satisfazer as suas necessidades através da relação com seus filhos. Já quanto à relação do filho com a mãe, essa não está pautada na qualidade do relacionamento conjugal (White, 1999).

Os Conflitos Conjugais, também, são determinantes na forma com que os adolescentes resolvem suas próprias desavenças, seja em casa, na escola ou com amigos. As estratégias utilizadas para a resolução de impasses pelo adolescente são semelhantes às utilizadas por seus pais na vida conjugal (Doorn, Branje, & Meeus, 2007). Adolescentes filhos de pais que utilizam muita hostilidade, tanto na relação com os filhos quanto na conjugal, tendem a utilizarem desta estratégia com seus amigos e futuramente no seu próprio relacionamento conjugal (Stocker & Richmond, 2007). Assim, a forma como são tratados os conflitos conjugais afeta a forma com que os filhos lidam com seus próprios conflitos (Doorn et al., 2007). Tal constatação é explicada com base na Teoria da Aprendizagem Social, na qual a transmissão acontece através de um Processo de Modelação. Os filhos, ao observarem os seus pais nas tentativas de resolução de conflitos na relação conjugal, os imitam, usando o modelo para resolução de seus próprios problemas (Bandura, 1977), interferindo assim em suas interações sociais (Bowlby, 1969; Fincham, Grych, & Osborne, 1994). Deste modo, fica claro que ambientes familiares mais favoráveis e menos conflituosos, nos quais os filhos obtêm percepções positivas emocionais e comportamentais de seus pais, são associados à saúde psíquica dos mesmos.

O ambiente familiar adequado está associado, além da qualidade do relacionamento conjugal, com a saúde mental dos pais. O estresse ou doença mental nos pais tem sido consistentemente vinculado a Problemas Emocionais e de Comportamento em crianças (Hackett & Hackett, 1999) e adolescentes (Dorsey et al., 2007). Dificuldades emocionais e comportamentais dos pais dirigidas às suas relações com os filhos costumam ser crônicas, pois, muitas vezes, são características de personalidade que vem se desenvolvendo desde suas experiências mais primitivas. Estas dificuldades podem implicar em uma deficiência na proteção e estímulo adequados oferecidos pelos pais aos filhos desde bem pequenos (Foster, Garber, & Durlak, 2008; Knoche, Givens, & Sheridan, 2007; Tychev et al., 2008). Fleitlich-Bilyk e Goodman (2001), por exemplo, investigaram tanto a perturbação psiquiátrica materna, quanto a qualidade do ambiente familiar e encontraram em seus resultados um índice bastante significativo, no qual os dois são responsáveis por 28% da variância dos problemas comportamentais da criança. Quanto maior é o prejuízo funcional materno, mais baixa fica a qualidade de Coesão familiar. Mães com Transtorno Depressivo, quando comparadas com mães sem nenhum transtorno, apresentam menores recursos para o enfrentamento das dificuldades ao lidar com Comportamentos Externalizantes de seus filhos e com outros eventos estressores. Da mesma forma, a bipolaridade materna, se comparada a famílias do grupo controle, é responsável por um ambiente familiar caracterizado por menor nível de Coesão e maior nível de Conflito (Esposito-Smythers et al., 2006).

Barnow, Spitzer, Grabe, Kessler e Freyberger (2006) investigaram filhos de mães com Personalidade Bordeline e encontraram indícios de que o reflexo do transtorno se dá nos filhos tanto por fatores genéticos específicos (temperamento) quanto por fatores ambientais (aprendizagem através dos comportamentos dos pais). Filhos de mães com este transtorno tendem a ser mais tensos, preocupados, nervosos, inseguros, passivos e pessimistas. Da mesma forma, são mais tímidos e inibidos na maior parte das situações sociais, necessitando de mais incentivo para se desenvolverem socialmente. Costumam ser suscetíveis e particularmente sensíveis ao controle dos pais e críticas severas, possuindo, inclusive, maior frequência de planos e pensamentos suicidas.

Estes transtornos podem prejudicar, principalmente, o contato físico e emocional em relação à qualidade e a frequência (Fleitlich-Bilyk & Goodman, 2001), o cuidado e o controle (Pedersen, 1994) e o respeito entre pais e filhos (Stocker & Richmond 2007). Déficits na forma dos pais exercerem sua função adequadamente têm relação clara com Problemas

Emocionais e de Comportamento na infância e na adolescência. A qualidade da interação que os pais desenvolvem para com os filhos pode ser investigada, segundo Costello et al. (2008), por meio de sentimentos desenvolvidos pelo filho, em relação aos pais. Acrescenta-se ainda que tais sentimentos podem ser determinantes também no desenvolvimento das relações do mesmo com seus amigos, na escola e sua auto-estima.

Além dos transtornos maternos afetarem as Relações Familiares e estarem relacionados aos Problemas Emocionais e de Comportamento dos filhos, famílias monoparentais, nas quais o cuidador primário é a mãe, apresentam maior nível de conflito (Sourander, Niemela, Santalahti, Helenius, & Piha, 2008). Os transtornos maternos podem estar diretamente relacionados com a monoparentalidade, já que essa é geradora de muito sofrimento para elas. De tal modo, fica clara a relevância dos transtornos afetivos das mães no aumento significativo do risco de uma criança ou a um adolescente desenvolver psicopatologia, assim como os Problemas Emocionais e de Comportamento dos mesmos podem estar afetando os transtornos emocionais maternos (Esposito-Smythers et al., 2006). Este contexto pode resultar em conflitos familiares ainda maiores, gerando padrões de interação disfuncionais que sustentam sentimentos negativos entre os membros da família, tornando o nível de coesão familiar muito baixo (Esposito-Smythers et al., 2006). Tais fatores de risco interagem no desenvolvimento emocional, comportamental e somático das crianças (Althoff, 2008; Harkness et al., 2008; Costello et al., 2008) e adolescentes (Dorsey et al., 2007; Kapi et al., 2007), sendo a prevenção precoce fundamental para que esses não desenvolvam uma patologia mais grave (Dorsey et al., 2007; Esposito-Smythers et al., 2006; Kapi et al., 2007).

Pesquisas anteriores negligenciaram as influências do pai no desenvolvimento das crianças em contextos familiares (Davies et al., 2009) delegando a mãe uma maior responsabilidade pela coesão familiar (Esposito-Smythers et al., 2006) e pela repercussão de seus próprios problemas emocionais na saúde mental de seus filhos. Entretanto, Flouri e Buchanan (2004) defendem a importância de ambos os pais para o desenvolvimento dos filhos, tendo o pai o papel fundamental na promoção de bem-estar dos filhos adolescentes. Assim, segundo Flouri e Buchanan (2004), a participação paterna contribui, significativamente, e de forma independente para a felicidade filhos.

Walton e Flouri (2010) referem o afeto e o controle psicológico e comportamental (acompanhamento e disciplina) como funções essenciais no relacionamento do pai com o

filho que, quando mal administrado pelo pai, seria preditor de Problemas de Comportamento na adolescência. Da mesma forma ocorreria com as mães, porém em menor escala. Desta forma, o pequeno efeito de controle materno sobre o regulamento emocional e comportamento exteriorizado é sugerido pelo autor como prova da importância do controle paterno para a regulação dos comportamentos nos adolescentes. Algumas diferenças em relação às consequências das aproximações maternas e paternas são descritas por Flouri e Buchanan (2002). Quando o relacionamento com mãe é positivo existe uma maior proximidade do filho para com o pai, adequação na estrutura familiar e uma maior motivação acadêmica. A aproximação paterna, também, perpassa a proximidade com a mãe. O envolvimento do pai precocemente na vida do filho resulta em menos Problemas Emocionais e Comportamentais na adolescência, e nos meninos, maior motivação acadêmica. Proximidade com o pai na adolescência relaciona-se com nível de envolvimento na infância mais positivamente para com as filhas do que para com os filhos. Já a proximidade com a mãe mostra-se mais positiva para com os filhos do que para com as filhas.

Vários aspectos do Sistema Familiar têm sido pesquisados nos últimos anos, todos motivados a identificar fatores que contribuam para um maior conhecimento sobre a dinâmica familiar e suas consequências (Althoff, 2008; Bowlby, 1969; Costello et al., 2008; Doorn et al., 2007; Dorsey et al., 2007; Fincham et al., 1994; Harkness et al., 2008; Kapi et al., 2007; Minuchin, 1985; Osório, 2002; Silvaes & Souza, 2008). Os Problemas Emocionais e de Comportamento em adolescentes têm sido identificados como sinalizadores de uma perturbação coletiva de seu ambiente familiar (Silvaes & Souza, 2008). Assim torna-se essencial o entendimento da relação entre Problemas Emocionais e de Comportamento em adolescentes e aspectos do Sistema Familiar, contribuindo deste modo para uma melhor identificação das potenciais metas de prevenção e de intervenção. Tendo em vista o exposto, o objetivo deste estudo é investigar os Problemas Emocionais e de Comportamento e sua relação com aspectos do Sistema Familiar (Clima Familiar) na visão de adolescentes e seus pais. Especificamente, pretende-se estudar as associações entre a intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e a percepção das Relações Familiares pelos adolescentes, além da relação dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes com os Problemas Emocionais e de Comportamento dos seus pais.

Método

Participantes

Participaram do estudo 187 estudantes de duas escolas públicas da cidade de São Leopoldo e Sapucaia, estado do Rio Grande do Sul, assim como, suas mães e seus pais. A amostra foi composta por 112 participantes adolescentes do sexo feminino (59,9%) e 75 do sexo masculino (40,1%). A idade destes variou de 11 a 16 anos (Média = 12,89, *DP* = 1,08). As 165 mães apresentaram idade média de 39,3 anos (*DP* = 6,8) e os 102 pais idade média de 42,4 anos (*DP* = 9,4).

Instrumentos de coleta de dados

Questionário Sócio-demográfico

Todos os participantes do estudo (adolescentes e seus pais) preencheram um questionário com questões sócio-demográficas, como profissão e escolaridade, e sobre a estrutura familiar, como número de filhos e situação conjugal (vide Anexos A, B e C).

Inventário de Auto-Avaliação para Jovens de 11 a 18 anos (Youth Self-Report [YSR], Achenbach & Rescorla, 2001)

O YSR faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado, desenvolvido por Achenbach (1991; Achenbach & Rescorla, 2001). Trata-se de uma variação do *Children Behavior Checklist* (CBCL, Achenbach, 1991), na qual o respondente é o próprio adolescente. O YSR é composto por oito escalas de Problemas de Comportamento: Ansiedade/Depressão, Isolamento/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas Sociais, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento de Quebra Regra, Comportamento Agressivo e Outros Problemas. Essas escalas são agrupadas em três níveis: Problemas Internalizantes (incluem as três primeiras escalas), Problemas Externalizantes (incluem as duas últimas escalas) e Problemas Totais (inclui todas as escalas analisadas e/ou Outros Problemas). Neste estudo, foi utilizada com os adolescentes uma versão do YSR adaptada pela Prof^a Dr^a Edwiges Silveiras (Rocha, Araújo, & Silveiras, 2008).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, da escala dos Problemas Externalizantes serão utilizados nos resultados, os fatores Comportamento de Quebra Regra (*alphas* de Cronbach 0,62) e Comportamento Agressivo (*alphas* de Cronbach 0,85) e, da escala

Problemas Internalizantes, os fatores Ansiedade/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,80), Isolamento/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,57), Queixas Somáticas (*alphas* de Cronbach 0,74).

Inventário de Auto-Avaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report [ASR])

O ASR é um inventário de auto-avaliação que faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado, desenvolvido por Achenbach (Achenbach & Rescorla, 2001; 2003) e avalia adultos de 18 a 59 anos de idade. No inventário estão incluídos 168 itens subdivididos em escalas sobre os Problemas de Comportamento Internalizante, Externalizante e Total. As respostas podem ainda serem classificadas de acordo com as seguintes síndromes: Ansiedade/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,85/mães e 0,89/pais); Isolamento/Depressão (*alphas* de Cronbach 0,65/mães e 0,73/pais); Queixas Somáticas (*alphas* de Cronbach 0,76/mães e 0,70/pais); Problemas de Pensamento; Problemas de Atenção; Comportamento Agressivo (*alphas* de Cronbach 0,86/mães e 0,87/pais); Quebra de Regras (*alphas* de Cronbach 0,62/mães e 0,73/pais); e Comportamento Intrusivo (*alphas* de Cronbach 0,64/mães e 0,64/pais). Neste estudo, foi utilizada com os pais uma versão do ASR adaptada pela Prof^a Dr^a Edwiges Silves. Em função dos objetivos deste trabalho, apenas as escalas Comportamentos Internalizantes e Externalizantes serão utilizadas nos resultados, não especificando assim seus fatores.

Inventário do Clima Familiar (ICF)

O ICF investiga o Clima Familiar e é formado por itens baseados tanto em instrumentos internacionais como o *Family Climate Inventory* (Kurdek, Fine, & Sinclair, 1995) e o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES III, Olson, Portner, & Lavee, 1985) quanto em concepções teóricas dos fatores alvos (Coesão, Apoio, Hierarquia e Conflito). A elaboração das definições operacionais dos construtos orientou-se por aquelas utilizadas pelas escalas tidas como referências e em outros estudos (Gehring, 1998, Teodoro, 2005, 2006, Wood, 1985). O construto Conflito avalia a relação agressiva, crítica e conflituosa entre os membros da família (ex.: “Os conflitos são comuns”, “As pessoas criticam umas as outras com frequência”). O fator Hierarquia está relacionado a uma diferenciação clara de poder dentro da família, na qual as pessoas mais velhas possuem mais influência nas decisões familiares. Representa o nível de poder e de controle dentro do

Sistema Familiar (ex.: “É comum que algumas pessoas proíbam outras de fazer determinadas coisas sem explicar o porquê”; “Uns mandam outros obedecem”). A dimensão Apoio contém itens que descrevem o suporte material e emocional dos membros. Avalia a existência de suporte emocional e material dado e recebido dentro da família (ex.: “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”; “Quando alguém está doente, as outras cuidam dele”). Finalmente, a Coesão familiar foi definida como o vínculo emocional entre os membros da família. (ex.: “As pessoas sentem-se felizes quando toda a família esta reunida”; “As pessoas gostam de passear e fazer coisas juntas”).

O ICF possui 22 itens divididos nos fatores Conflito, Hierarquia, Apoio e Coesão (vide Anexo D). Os resultados psicométricos apontam para uma estrutura fatorial compatível com o modelo de quatro fatores e *alphas* de Cronbach superiores a 0,80 (Teodoro, Land, & Allgayer, 2007). O ICF foi aplicado tanto nos adolescentes como em seus pais.

Procedimentos

A participação dos adolescentes no projeto ficou sujeita à autorização por escrito dos pais (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] vide Anexos E e F). Da mesma forma, os pais assinaram o TCLE consentindo a sua própria participação. O projeto só teve início após sua aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

O contato com as famílias dos adolescentes foi realizado por meio dos mesmos nas escolas. A parceria com as escolas foi feita por meio de contato com a Secretaria Municipal da Educação e com as diretorias das escolas. Após a aprovação da secretaria e da direção da escola, os alunos receberam a visita do pesquisador em sala de aula, oportunidade na qual foram informados sobre características gerais do projeto. Cada aluno interessado recebeu uma carta que deveria ser entregue aos seus pais. A carta continha informações gerais sobre a pesquisa, algumas perguntas sobre a estrutura da família e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado por um dos pais ou pelo responsável.

A aplicação dos instrumentos só foi realizada nos adolescentes após o recebimento deste termo pelo pesquisador. O entrevistador aplicou os instrumentos em sala de aula nos adolescentes nesta ordem, o Questionário, o YSR e o Inventário do Clima Familiar. Toda a aplicação durou, aproximadamente, 50 minutos. Após o término, os adolescentes receberam os instrumentos a serem preenchidos pelos pais em suas casas com as respectivas instruções.

Quando concluído, os pais entregaram o material aos filhos que devolveram a escola e essa repassou aos pesquisadores.

Os pesquisadores foram todos treinados para realizarem tanto o convite aos adolescentes a participarem da pesquisa, quanto a aplicarem os instrumentos nos mesmos. Os instrumentos preenchidos pelos pais foram enviados por meio dos adolescentes.

Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio de estatísticas paramétricas. As associações entre variáveis foram analisadas através de Correlação de *Pearson* e as comparações entre grupos foram realizadas por meio de Teste *t* para amostras independentes. Foi considerado como significativo todo resultado que obteve um $p < 0,05$.

Resultados

As correlações dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares dos adolescentes são descritas na Tabela 8.

TABELA 8

Problemas Emocionais e de Comportamento dos Pais com a Percepção das Relações Familiares pelos Adolescentes

	Internalizante/ Mãe	Externalizante/ Mãe	Internalizante/ Pai	Externalizante/ Pai
Apoio ICF/ Adolescente	-0,10	-0,09	0,11	0,12
Hierarquia ICF/ Adolescente	0,17*	0,21*	0,08	0,09
Coesão ICF/ Adolescente	-0,15	-0,21*	-0,09	0,05
Conflito ICF/ Adolescente	0,22**	0,32**	0,07	0,06

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

A partir dos dados apresentados na tabela em relação aos Problemas Internalizantes maternos, foi observada uma correlação significativa, de forma positiva, com os fatores Hierarquia ($r = 0,17$, $p < 0,05$) e Conflito ($r = 0,22$, $p < 0,01$). Considerando os Problemas Externalizantes, foi significativamente positiva a correlação com os fatores Hierarquia ($r = 0,21$, $p < 0,05$) e Conflito ([ICF] $r = 0,32$, $p < 0,01$), enquanto foi significativamente negativa a correlação com o fator Coesão ($r = -0,21$, $p < 0,05$). Já em relação aos Problemas Emocionais e de Comportamento do pai não houve nenhum fator que se mostrou correlacionado significativamente.

O segundo grupo de análise investigou as associações dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e dos adolescentes. Os resultados foram apresentados na Tabela 4 e reproduzidos abaixo.

TABELA 4

Correlações entre os Problemas Emocionais e de Comportamento dos Adolescentes, das Mães e dos Pais

	Intern Adoles	Extern Adoles	Intern Mãe	Extern Mãe	Intern Pai	Extern Pai
Intern Adoles	-	-	-	-	-	-
Extern Adoles	0,59**	-	-	-	-	-
Intern Mãe	0,37**	0,21*	-	-	-	-
Extern Mãe	0,29**	0,26**	0,68**	-	-	-
Intern Pai	0,19	0,11	0,41**	0,39**	-	-
Extern Pai	0,12	0,11	0,35**	0,31**	0,79**	-

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

O fator Problemas Internalizantes do pai correlacionou-se positivamente com os Problemas Internalizantes ($r = 0,41$, $p < 0,01$) e Externalizantes ($r = 0,39$, $p < 0,01$) da mãe. Da mesma forma, o fator Problemas Externalizantes do pai correlacionou-se significativamente com os fatores Problemas Internalizantes ($r = 0,35$, $p < 0,01$) e Externalizantes ($r = 0,31$, $p < 0,01$) da mãe, além de correlacionar-se positivamente com seus próprios Problemas Internalizantes ($r = 0,79$, $p < 0,01$). Não foram encontradas correlações entre os problemas emocionais do adolescente e de seu pai.

Os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes se correlacionaram de forma positiva e significativa com os Problemas Emocionais e de Comportamento das mães. Desta forma, os Problemas Internalizantes do adolescente correlacionaram-se com os Problemas Internalizantes ($r = 0,37$, $p < 0,01$) e Externalizantes ($r = 0,29$, $p < 0,01$) da mãe. Do mesmo modo, os Problemas Externalizantes do adolescente correlacionaram-se com os Problemas Internalizantes ($r = 0,21$, $p < 0,05$) e Externalizantes ($r = 0,27$, $p < 0,01$) da mãe.

Também se observou uma correlação significativa entre os Problemas Externalizantes e Internalizantes do pai ($r = 0,79, p < 0,01$), do Adolescente ($r = 0,58, p < 0,01$) e da mãe ($r = 0,68, p < 0,01$).

Discussão

Este estudo apresenta, primeiramente, o objetivo de correlacionar a intensidade dos Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção das Relações Familiares pelos adolescentes. Segundo Benetti (2006) e Forehand et al. (1989), a percepção do adolescente, em relação às características do Sistema Familiar, mostra-se fundamentada na definição das implicações causadoras dos Problemas Emocionais e de Comportamento. O segundo grande objetivo deste estudo foi correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento dos adolescentes com os Problemas Emocionais e de Comportamento de seus pais. Ambos objetivos mostram-se importantes, já que estão relacionados com o equilíbrio familiar que se mostra um dos antídotos para a prevenção dos Problemas Emocionais e Comportamentais nos adolescentes (Althoff, 2008; Bowlby, 1969; Costello et al., 2008; Doorn et al., 2007; Dorsey et al., 2007; Fincham et al., 1994; Harkness et al., 2008; Kapi et al., 2007; Minuchin, 1985; Osório, 2002; Silveiras & Souza, 2008).

Ao correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais com a percepção dos adolescentes das Relações Familiares encontrou-se significância apenas entre alguns fatores maternos. A presença de Transtornos Emocionais e de Comportamento maternos, segundo Esposito-Smythers et al. (2006), também, foi associada a menor Coesão familiar, bem como maior Conflito familiar. Em seus achados, o impacto negativo se fez presente, apenas, nos Problemas de Comportamentos Externalizantes. Dados, esses, que confirmam os achados descritos, também, em Adams e Laursen (2007), Dorsey et al. (2007), e Fleitlich-Bilyk e Goodman (2001), que postulam a interferência da personalidade da mãe nos comportamentos e emoções dos filhos. Os Problemas Internalizantes maternos correlacionaram-se, positivamente, com a percepção de Hierarquia do adolescente e negativamente com a Afetividade. Quanto aos Problemas Externalizantes, as correlações foram positivas em relação ao Conflito e Hierarquia, e negativas com a Coesão e a Afetividade.

Corroborando com Adams e Laursen (2007), Dorsey et al. (2007), e Fleitlich-Bilyk e Goodman (2001), os resultados da correlação entre os Problemas Emocionais e de Comportamento das mães com os adolescentes mostram-se, significativamente, positivos. Da mesma forma, os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e das mães correlacionam-se, positivamente, entre si, já que esta ligação costuma ser conexa, segundo

White (1999), estando pautada na qualidade da relação conjugal. Porém, ao se correlacionar os Problemas Emocionais e de Comportamento do adolescente com o de seu pai, observou-se que não existiam correlações significativas entre eles. Estes resultados podem ser compreendidos a partir do que é descrito por Adams e Laursen (2007), que postulam a teoria de que a percepção do Afeto da mãe para com o pai interfere na forma com que a criança se relaciona com esse pai, assim como, o Afeto do pai pelo filho está ligado à qualidade da relação conjugal. Ou seja, a relação pai e filho mostra-se menos associada na correlação com os Problemas Emocionais e de Comportamento de ambos. Tais achados vão de encontro as pesquisas realizadas por Flouri e Buchanan (2002; 2004) e Walton e Flouri (2010) que conferem ao relacionamento do pai e filho, quando mal conduzido, como preditor de Problemas de Comportamento na adolescência, creditando a mãe uma menor parcela de interferência na saúde mental dos filhos.

Enfim, entende-se, a interação existente entre os Problemas Emocionais e de Comportamento dos pais e a estruturação familiar (Nichols & Schwartz, 2007) como um todo, tanto pelos dados apresentados nesta pesquisa como pela extensa literatura vigente. Contudo, ressalta-se, a partir os dados desta pesquisa, as peculiaridades existentes entre essa interação e a forma com que as díades pai-filho, mãe-filho e pai-mãe se relacionam. Salienta-se que essas devem ser investigadas em futuras pesquisas que embasem um maior entendimento da dinâmica destas relações.

Considerações Finais

Pode se verificar, através deste estudo, que o relacionamento do adolescente com sua mãe parece mais sintonizado do que com seu pai no que diz respeito à percepção das Relações Familiares e a correlação dos Problemas Emocionais e de Comportamento. Dados que corroboram com a pesquisa de Adams e Laursen (2007), que defendem a hipótese que os filhos têm maior interação com as mães do que o pai. No entanto, confrontam com as pesquisas desenvolvidas por Flouri e Buchanan (2002; 2004) e Walton e Flouri (2010) que postulam a importância paterna para a regulação dos comportamentos dos filhos, assim como, o pai como tendo um papel fundamental na promoção de bem-estar dos filhos adolescentes.

Igualmente, identificou-se, conforme outras pesquisas realizadas nesta área (Althoff, 2008; Anant & Raguram, 2005; Bowlby, 1969; Costello et al., 2008; Doorn et al., 2007; Dorsey et al., 2007; Fincham et al., 1994; Harkness et al., 2008; Holtzworth-Munrol, Smutzler & Sandin, 1997; Kapi et al., 2007; McFarlane, Groff, O'Brien, & Watson, 2003; Morris, Silk, Steinberg, Myers & Robinson, 2007; Silves & Souza, 2008), a relação existente entre as características do Sistema Familiar e os Problemas Emocionais e de Comportamento. Quanto mais o adolescente percebe o ambiente familiar como afetivo e coeso, menor é sua predisposição a apresentar Problemas Internalizantes e Externalizantes. Entretanto, quando há a percepção do ambiente familiar como conflitivo e com a presença de uma forma hierarquia rígida e estereotipada, a intensidade dos Problemas Internalizantes e Externalizantes será maior.

Com o objetivo de contribuir para uma melhor identificação das potenciais metas de prevenção e de intervenção da psicopatologia na adolescência, apesar de algumas limitações, o estudo é útil para avançar na compreensão sobre a dinâmica das relações familiares. Assim, entende-se que a pesquisa repercutirá no desenvolvimento de novas e mais eficazes políticas públicas. Por fim, salienta-se a necessidade de um maior número de estudos relacionados às peculiaridades entre o relacionamento da díade pai-filho, além de estudos longitudinais, que explorem de forma mais fidedigna todas estas relações descritas anteriormente.

Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4–18 and 1991 profiles*. Burlington, VT: University of Vermont.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA school-age forms and profiles*. Burlington: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2003). *Manual for ASEBA Adult Forms and profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Adams, R. E., & Laursen, B. (2007). The correlates of conflict: Disagreement is not necessarily detrimental. *Journal of Family Psychology, 21*, 445–458.
- Althoff, R. R. (2008). Diagnoses, neuropsychological functioning, and parental depression affect the expression of internalizing and externalizing disorders in children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 4*, 358-358.
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 110*, 26-46.
- Anant, S., & Raguram, A. (2005). Marital conflict among parents: Implications for family therapy with adolescent conduct disorder. *Contemporary Family Therapy, 27*, 472-482.
- Anselmi, L., Piccinini, C. A., Barros, F. C., & Lopes, R. S. (2004). Psychosocial determinants of behaviour problems in Brazilian preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45*, 779–788.
- Anton, I. L. C. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Artmed: Porto Alegre.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Barnow, S., Spitzer, C., Grabe, H. J., Kessler, C., & Freyberger, H. J. (2006). Individual characteristics, familial experience, and psychopathology in children of mothers with borderline personality disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 45*, 966-972.

- Becker, K. D., Stuewig, J., Herrera, V. M., & McCloskey, L. A. (2004). A study of firesetting and animal cruelty in children: Family influences and adolescent outcomes. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 43, 905-912.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: Impacto do desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 261-268.
- Bhatia, S. K., & Bhatia, S. C. (2007). Childhood and adolescent depression. *Child and Adolescent Psychiatry*, 75, 73-80.
- Bishop, S. M., & Ingersoll, G. M. (1989). Effects of marital conflict and family structure on the self-concepts of pre- and early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 18, 25-38.
- Bowlby, J. (1969). Attachment. *Attachment and Loss Series (Vol. 1)*. London: Hogarth Press.
- Bradford, K., Vaughn, L. T. B., & Barber, B. K. (2008). When there is conflict: Interparental conflict, parent-child conflict, and youth problem. *Journal of Family Issues*, 29(6), 780-805.
- Buehler, C. (2006). Parents and peers in relation to early adolescent problem behavior. *Journal of Marriage & Family*, 68, 109-224.
- Buehler, C., Benson, M. J., & Gerard, J. M. (2006). Interparental hostility and early adolescent problem behavior: The mediating role of specific aspects of parenting. *Journal of Research on Adolescence*, 16(2), 265-291.
- Burman, S., & Allen-Meares, P. (1994). Neglected victims of murder: Children's witness to parental homicide. *Social Work*, 39, 28-34.
- Canino G., Shrout, P. E, Rubio-Stipec, M., Bird, H. R., Bravo, M., Ramírez, R., Chavez, L., Alegría, M., Bauermeister, J. J., Hohmann, A., Ribera, J., García, P., & Martínez-Taboas, A. (2004). The DSM-IV rates of child and adolescent disorders in Puerto Rico: Prevalence, correlates, service use, and the effects of impairment. *Archives of General Psychiatry*, 61, 85-93.
- Cardoso, B. M., Teodoro, M. L. M., & Freitas, C. (2008, outubro). *Depressão e Relações Familiares em crianças e adolescentes*. Trabalho apresentado no primeiro Simpósio de Pesquisa em Psicologia Clínica: A Pesquisa na Clínica Psicológica- Perspectivas e Desafios, São Leopoldo, Brasil.

- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development, 63*, 526-541.
- Costello, D. M., Rose, S., Swendsen, J., & Dierker, L. C. (2008). Risk and protective factors associated with trajectories of depressed mood from adolescence to early adulthood. *Journal of Consulting & Clinical Psychology, 76*, 173-183.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2003). Children's responses to everyday marital conflict tactics in the home. *Child Development, 74*, 1918-1929.
- Cummings, E. M., Schermerhorn, A. C., Davies, P. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, J. S. (2006). Interparental discord and child adjustment: Prospective investigations of emotional security as an explanatory mechanism. *Child Development, 77*, 132-152.
- David, C., Steele, R., Forehand, R., & Armistead, L. (1996). The role of family conflict and marital conflict in adolescent functioning. *Journal of Family Violence, 11*(1), 81-91.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin, 116*, 387-411.
- Davies, P. T., & Forman, E. M. (2002). Children's patterns of preserving emotional security in the interparental subsystem. *Child Development, 73*, 903-1880.
- Davies, P. T., Schacht, P. M., & Cummings, E. M. (2009). Fathering in family context and child adjustment: A longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology, 23*, 790-797.
- Davies, P. T., & Windle, M. (2001). Interparental discord and adolescent adjustment trajectories: The potentiating and protective role of intrapersonal attributes. *Child Development, 72*, 1163-1178.
- Dekovic, M., & Buist, K. L. (2005). Multiple perspectives within the family: Family relationship patterns. *Journal of Family Issues, 26*, 467-490.
- Doorn, M. D. van, Branje, J. T., & Meeus, W. H. J. (2007). Longitudinal transmission of conflict resolution styles from marital relationships to adolescent-parent relationships. *Journal of Family Psychology, 21*, 426-434.
- Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting behavior in economically disadvantaged single parent African American families: The role of maternal psychological distress. *Journal of Family Violence, 22*, 621-630.

- Dubow, E. F., & Luster, T. (1990). Adjustment of children born to teenage mothers: The contribution of risk and protective factors. *Journal of Marriage and the Family*, *52*, 393–404.
- Esposito-Smythers, C., Birmaher, B., Valeri, S., Chiappetta, L., Hunt, J., Ryan, N., Axelson, D., Strober, M., Leonard, H., Sindelar, H., & Keller, M. (2006). Child comorbidity, maternal mood disorder, and perceptions of family functioning among bipolar youth. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *45*, 955-964.
- Evans S. E., Davies C., & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior*, *13*, 131–140.
- Foster, C. J. E., Garber, J., & Durlak, J. A. (2008). Current and past maternal depression, maternal interaction behaviors, and children's externalizing and internalizing symptoms. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *4*, 527-537.
- Fincham, F. D. (1994). Understanding the association between marital conflict and child adjustment: An overview. *Journal of Family Psychology*, *8*, 123–127.
- Fincham, F. D., Grych, J. H., & Osborne, L. N. (1994). Does marital conflict cause child maladjustment? Directions and challenges for longitudinal research. *Journal of Family Psychology*, *8*, 128–140.
- Fleitlich-Bilyk, B., & Goodman, R. (2001). Social factors associated with child mental health problems in Brazil: Cross sectional survey. *British Medical Journal*, *323*, 599-600.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2002). What predicts good relationships with parents in adolescence and partners in adult life: Findings from the 1958 British birth cohort. *Journal of Family Psychology*, *16*(2), 186-198.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement and mother involvement in adolescents' psychological well-being. *Journal of Social Work*, *33*, 399-406.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2004). Early father's and mother's involvement and child's later educational outcomes. *British Journal of Educational Psychology*, *74*, 141-153.

- Forehand, R., Long, N., Brody, G. H., & Fauber, R. (1986). Home predictors of young adolescents' school behavior and academic performance. *Child Development, 57*, 1528-1533.
- Forehand, R., McCombs, A., Long, N., Brody, G. H., & Fauber, R. (1988). Early adolescent adjustment to recent parental divorce: The role of interparental conflict and adolescent sex as mediating variables. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 56*, 624-627.
- Forehand, R., Wierson, M., McCombs, A., Brody, G., & Fauber, R. (1989) Interparental conflict and adolescent problem behavior: An examination of mechanisms. *Behaviour Research and Therapy, 27*, 365-371.
- Forman, E. M., & Davies, P. T. (2003). Family instability and young adolescent maladjustment: The mediating effects of parenting quality and adolescent appraisals of family security. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*, 94-105.
- Franck, K. L., & Buehler, C. (2007). A family process model of marital hostility, parental depressive affect, and early adolescent problem behavior: The roles of triangulation and parental warmth. *Journal of Family Psychology, 21*, 614-625.
- Gazendam-Donofrio, S. M., Hoekstra, H. J., Van Der Graaf, W. T. A., Van De Wiel, H. B. M., Visser, A., Huizinga, G. A., & Hoekstra-Weebers, J. E. H. M. (2007) Family functioning and adolescents' emotional and behavioral problems: When a parent has cancer. *Annals of Oncology, 18*, 1951-1956.
- Gehring, T. M. (1988). *Family-System-Test (FAST)*. Göttingen: Hogrefe & Huber.
- Gerard, J. M., & Buehler, C. (1999). Multiple risk factors in the family environment and youth problem behaviors. *Journal of Marriage and the Family, 61*, 343-361.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisal of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Child Development, 64*, 215-230.
- Hackett, R., & Hackett, L. (1999). Child psychiatry across cultures. *International Review of Psychiatry, 11*, 225-235.
- Halpern, R. (1993). Poverty and infant development. In C. H. Zeanah (Ed.). *Handbook of infant mental health* (pp. 73-86). New York: The Guilford Press.

- Harkness, K. L., Lumley, M. N., & Truss, A. E. (2008). Stress generation in adolescent depression: The moderating role of child abuse and neglect. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *36*, 421-432.
- Holtzworth-Munrol, A., Smutzler, N., & Sandin, E. (1997). A brief review of the research on husband violence - Part II: The psychological effects of husband violence on battered women and their children. *Aggression and Violence Behavior*, *2*, 179-213.
- Hurley, D. J., & Jaffe, P. G. (1990). Children's observation of violence: II. Clinical implications for children's mental health professionals. *Canadian Journal of Psychiatry*, *35*(6), 471-476.
- Jarvis, K. L., & Novaco, R. W. (2006). Postshelter adjustment of children from violent families. *Journal of Interpersonal Violence*, *21*, 1046-1062.
- Jenkins, J. M., & Smith, M. A. (1991). Marital disharmony and children's behaviour problems: Aspects of a poor marriage that affect children adversely. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *32*, 793-810.
- Johnston, J. (1994). High conflict divorce. *Future of Children*, *4*, 165-182.
- Kapi, A., Veltsista, A., Kavadias, G., Lekea, V., & Bakoula, C. (2007) Social determinants of self-reported emotional and behavioral problems in Greek adolescents. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *42*, 594-598.
- King, C. A., Radpour, L., Naylor, M. W., Segal, H. G., & Jouriles, E. N. (1995). Parents' marital functioning and adolescent psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *63*, 749-753.
- Kline, M., Johnston, J., & Tschann, J. M. (1991). The long shadow of marital conflict: A model of children's postdivorce adjustment. *Journal of Marriage and the Family*, *53*, 297-309.
- Kloep, M. (1995). Concurrent and predictive correlates of girls depression and antisocial-behavior under conditions of economic-crisis and value change: The case of Albania. *Journal of Adolescence*, *18*, 445-458.
- Knoche, L., Givens, J., & Sheridan, S. (2007). Risk and protective factors for children of adolescents: Maternal depression and parental sense of competence. *Journal of Child Family Studies*, *5*, 684-695.
- Kouros, C. D., Merrilees, C. E., & Cummings, M. (2008). Marital conflict and children's emotional security. *Journal of Marriage and Family*, *70*, 684-697.

- Kurdek, L. A., Fine, M. A., & Sinclair, R. J. (1995). School adjustment in 6th-Graders: Parenting transitions, family climate, and peer norm effects. *Child Development, 66*, 430-445.
- Lee, M. Y. (2001). Marital violence: Impact on children's emotional experiences, emotional regulation and behaviors in a post-divorce/separation situation. *Child and Adolescent Social Work Journal, 18*, 137-163.
- Lempers, J. D., & Clark-Lempers, D. S. (1997). Economic hardship, family relationships, and adolescent distress: An evaluation of a stress-distress mediation model in mother-daughter and mother-son dyads. *Adolescence, 32*, 339-356.
- Linder, J. R., & Collins, W. A. (2005). Parent and peer predictors of physical aggression and conflict management in romantic relationships in early adulthood. *Journal of Family Psychology, 19*, 252-262.
- Machado, C., Goncalves, M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner abuse: self-reported prevalence and attitudes in the north of Portugal. *Child Abuse & Neglect, 31*(6), 657-670.
- Markwood, M. (1997). The impact of domestic violence on children. *Families in Societies, 78*, 29-39.
- Matud, M. P. (2007). Domestic abuse and children's health in the Canary Islands, Spain. *European Psychologist, 12*, 45-53.
- McFarlane, J. M., Groff, J. Y., O'Brien, J. A., & Watson, K. (2003). Behaviors of children who are exposed and not exposed to intimate partner violence: An analysis of 330 black, white, and Hispanic children. *Pediatrics, 112*, 202-207.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development, 56*, 289-302.
- Moore, T. E., Pepler, D., Weinberg, B., Hammond, L., Waddell, J., & Weiser, L. (1990). Research on children from violent families. *Canada's Mental Health Journal, 38*, 19-23.
- Morawska, A., & Thompson, E. (2009). Parent Problem Checklist: Measure of parent conflict. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 43*(3), 260-269.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development, 16*, 361-388.

- Mullick, M. S. I., & Goodman, R. (2005). The prevalence of psychiatric disorders among 5-10 year olds in rural, urban and slum areas in Bangladesh. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, *40*, 663-671.
- Nichols P.N. & Schwartz R.C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre. Artmed.
- Olson, D. H., Portner, J., & Lavee, Y. (1985). *FACES III Manual*. St. Paul, USA: Department of Family Social Sciences, University of Minnesota.
- Osório, L. C. (2002). *Terapia de família: Novas tendências*. Porto Alegre. Artmed.
- Parsons, C. (2003). Caring for adolescents and families in crisis. *Nursing Clinics of North America*, *38*, 111-122.
- Pedersen, W. (1994). Parental relations, mental health and delinquency in adolescents. *Adolescence*, *29*, 975-990.
- Perks, S. M., & Jameson, M. (1999). The effects of witnessing domestic violence on behavioural problems and depressive symptomatology: A community sample of pupils from St. Lucia. *West Indian Medical Journal*, *48*, 208-211.
- Purper-Ouakil, D., Michel, G., & Mouren-Simeoni, M. C. (2002). Vulnerability to depression in children and adolescents up date and perspectives. *Encephale-Revue de Psychiatrie Clinique Biologique et Therapeutique*, *28*, 234-240.
- Richters, J. E., & Martinez, P. (1993). The NIMH Community Violence Project: I. Children as victims of and witnesses to violence. *Psychiatry*, *56*(1), 7-21.
- Rocha, M. M., Araújo, L. G. S., & Silveiras, E. F. M. (2008). Um estudo comparativo entre duas traduções brasileiras do Inventário de Auto-Avaliação para Jovens (YSR). *Psicologia: Teoria e Prática*, *10*, 14-24.
- Sawyer, M. G., Miller-Lewis, L. R., & Clark, J. J. (2006). The mental health of 13-17 year-olds in Australia: Findings from the National Survey of Mental Health and Well-Being. *Journal of Youth & Adolescence*, *36*, 185-194.
- Schneiders, J., Nicolson, N. A., Berkhof, J., Feron, F. J., Vries, M. W., & Os, J., van. (2007). Mood in daily contexts: Relationship with risk in early. *Journal of Research on Adolescence*, *17*, 697-722.
- Sheeber, L., Hops, H., Alpert, A., Davis, B., & Andrews, J. (1997). Family support and conflict: Prospective relations to adolescent depression. *Journal of child psychology*, *25*, 333-344.

- Silvares, E. F. M., & Souza, C. L. (2008). Discórdia conjugal: Distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva. *Psicologia: Teoria e Prática, 10*, 200-213.
- Snyder, D. K., Klein, M. A., Gdowski, C. L., Faulstich, C., & LaCombe, J. (1988). Generalized dysfunction in clinic and nonclinic families: A comparative analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology, 16*, 97-109.
- Sourander, A., Niemela, S., Santalahti, I., Helenius, H., & Piha, J. (2008). Changes in psychiatric problems and service use among 8-year-old children: A 16-year population-based time-trend study. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 47*, 317-327.
- Straus, M. B. (1988). Abused adolescents. In M. B. Straus (Ed.). *Abuse and victimization across the life span* (pp. 107-123). Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Stocker, C. M., & Richmond, M. K. (2007). Longitudinal associations between hostility in adolescents' family relationships and friendships and hostility in their romantic relationships. *Journal of Family Psychology, 21*(3), 490-497.
- Storksen, I., Roysamb, E., Holmen, T. L., & Tambs, K. (2006). Adolescent adjustment and well-being: Effects of parental divorce and distress. *Scandinavian Journal of Psychology, 47*, 75-84.
- Teodoro, M. L. M. (2005). *Kognitive repräsentationen familiärer Beziehungen. methodenkritische untersuchungen zu kohäsion und hierarchie innerhalb des familiären systems*. Hamburg: Kovacs.
- Teodoro, M. L. M. (2006). Afetividade e conflito em díades familiares: Avaliação com o Familiograma. *Interamerican Journal of Psychology, 40*, 395-390.
- Teodoro, M. L. M. (2009). Família, bem-estar e qualidade de vida de crianças e adolescente. In V. G. Haase, F. O. Ferreira, & F. J. Penna (Org.). *Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência* (pp. 111-122). Belo Horizonte: Coopmed.
- Cardoso, Teodoro, & Freitas (2008, outubro). *Depressão e Relações Familiares em crianças e adolescentes*. Trabalho apresentado no primeiro Simpósio de Pesquisa em Psicologia Clínica: A Pesquisa na Clínica Psicológica- Perspectivas e Desafios, São Leopoldo, Brasil.

- Teodoro, M. L. M., Land, B. R., & Allgayer, M. (2007, outubro). *Elaboração do Inventário do Clima Familiar para adolescentes*. Trabalho apresentado na XXXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Florianópolis.
- Turner, H. A., & Kopiec, K. (2006). Exposure to interparental conflict and psychological disorder among young adults. *Journal of Family Issues, 27*, 131-158.
- Tychev, C., Briançon, S., Lighezzolo, J., Spitz, E., Kabuth, B., Luigi, V., Messembourg, C., Girvan, F., Rosati, A., & Thockler, A. (2008). Quality of life, postnatal depression and baby gender. *Journal of Clinical Nursing, 17*, 312-22.
- Unsal, A., & Ayranci, U. (2008). Prevalence of students with symptoms of depression among high school students in a district of western Turkey: An epidemiological study. *Journal of School Health, 78*, 228-293.
- Voorhees, B. W. van, Paunesku, D., Kuwabara, S. A., Basu, A., Gollan, J., Hankin, B. L., Melkonian, S., & Reinecke, M. (2008). Protective and vulnerability factors predicting new-onset depressive episode in a representative of U.S. adolescents. *Journal of Adolescent Health, 42*, 605-616.
- Walton, A., & Flouri, E. (2010). Contextual risk, maternal parenting and adolescent externalizing behaviour problems: The role of emotion regulation. *Child: Care, Health and Development, 36*, 275-284.
- White, L. (1999). Contagion in family affection: Mothers, fathers, and young adult children. *Journal of Marriage & Family, 61*, 284-294.
- Whittaker, S., & Bry, B. H. (1991). Overt and covert parental conflict and adolescent problems: Observed marital interaction in clinic and nonclinic families. *Adolescence, 26*, 865-876.
- Wolff, J. C., & Ollendick, T. H. (2006). The comorbidity of conduct problems and depression in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review, 9*, 201-220.
- Wolfe, D. A., Zak, L., Wilson, S., & Jaffe, P. (1986). Child witnesses to violence between parents: Critical issues in behavioral and social adjustment. *Journal of Abnormal Child Psychology, 14*, 95-104.
- Wood, B. (1985). Proximity and hierarchy: Orthogonal dimensions of family interconnectedness. *Family Process, 24*, 497-507.

ANEXOS

Ficha de Dados Demográficos – Adolescente

Anexo A

Nome:

Idade:

Sexo: Masculino Feminino

Quantos irmãos você tem?:

Você trabalha? Sim Não Qual sua profissão?.....

Quem mora com você em sua casa?.....

.....

.....

.....

.....

Seus pais:

Vivem juntos Separados

Qual é a escolaridade de seu pai?

Não estudou Ensino fundamental completo(Ensino médio completo

Superior

Qual a escolaridade de sua mãe?

Não estudou Ensino fundamental completo(Ensino médio completo

Superior

Está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

Sim Não

Você toma algum tipo de medicação de uso contínuo?

Sim Não ()

Qual?

Ficha de Dados Demográficos – Pai

Anexo B

Nome:

Idade:

Você trabalha? () Sim () Não Qual sua profissão?

Está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

() Sim Não ()

Alguém da sua família está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

() Sim Não ()

Você toma algum tipo de medicação de uso contínuo?

() Sim Não ()

Qual?

Ficha de Dados Demográficos – Mãe

Anexo C

Nome:

Idade:

Você trabalha? () Sim () Não Qual sua profissão?

Está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

() Sim Não ()

Alguém da sua família está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

() Sim Não ()

Você toma algum tipo de medicação de uso contínuo?

() Sim Não ()

Qual?

Inventário do Clima Familiar (ICF)**Anexo D**

Nome: _____ Sexo: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____ Data: __/__/____

Este questionário trata de um tema sobre o qual todos nós temos muito a dizer: **a nossa família**. Gostaríamos de pedir que você pense sobre o(s) membro(s) de sua família e sobre como eles, geralmente, se relacionam.

Abaixo estão algumas frases que descrevem situações e sentimentos que podem ou não ocorrer no dia-a-dia de qualquer família. Leia cada frase e responda se ela se aplica ou não à sua família, utilizando os seguintes números:

Não concordo de jeito nenhum	Concordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5

Lembre-se de que **não** existem respostas certas ou erradas. Nós só desejamos saber como as coisas têm estado em sua família **ultimamente**.

Em minha família...

De jeito nenhum Pouco Mais ou menos Muito Completamente

1. Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas.	1	2	3	4	5
2. As proibições são constantes.	1	2	3	4	5
3. Uns mandam e outros obedecem.	1	2	3	4	5
4. As pessoas zombam umas das outras.	1	2	3	4	5
5. Briga-se por qualquer coisa.	1	2	3	4	5

Em minha família...

	De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Completa- mente
6. Algumas pessoas deixam de fazer as suas coisas para auxiliar as outras pessoas da família.	1	2	3	4	5
7. Não importa a vontade da maioria, a decisão final é sempre da mesma pessoa.	1	2	3	4	5
8. As pessoas irritam umas às outras.	1	2	3	4	5
9. As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas.	1	2	3	4	5
10. As pessoas resolvem os problemas brigando.	1	2	3	4	5
11. As pessoas criticam umas às outras frequentemente.	1	2	3	4	5
12. Resolver problemas significa discussão e brigas.	1	2	3	4	5
13. As pessoas tentam ajudar umas às outras quando as coisas não vão bem.	1	2	3	4	5
14. As pessoas gostam umas das outras.	1	2	3	4	5
15. Sinto que existe união entre os membros.	1	2	3	4	5
16. Os mais velhos mandam mais.	1	2	3	4	5
17. As pessoas se sentem próximas umas das outras.	1	2	3	4	5
18. O(s) filho(s) têm pouco poder nas decisões familiares.	1	2	3	4	5
19. Temos prazer e alegria em passar o tempo juntos.	1	2	3	4	5
20. Algumas pessoas resolvem os problemas de maneira autoritária	1	2	3	4	5
21. Ajudamos financeiramente uns aos outros.	1	2	3	4	5
22. As pessoas me ajudam a fazer as coisas quando não tenho tempo.	1	2	3	4	5

Anexo E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Adolescente

Prezado participante,

Com o intuito de conhecer e compreender melhor alguns aspectos relativos à família, estamos realizando uma pesquisa coordenada por Bruna Moraes Cardoso, Mestrando do curso de Pós Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Para isto, estamos pedindo a sua colaboração no estudo.

Para participar desta pesquisa, seu filho precisará responder alguns questionários individualmente. Para colaborar com nosso estudo você precisa preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido descrito abaixo. Gostaríamos de salientar que a participação de seu(ua) filho(a) é voluntária e que ele poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento. Na divulgação dos resultados da pesquisa, será mantida em sigilo a identidade dele(a). Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos através do telefone 51- 9342-7797.

Desde já, agradecemos a sua colaboração,

Bruna Moraes Cardoso

Eu _____ declaro que fui informado dos objetivos e finalidades do estudo “Problemas Emocionais e de Comportamento e Relações Familiares em Adolescentes” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

_____, ____ de _____ de 20__.

Assinatura _____

Anexo F**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Pais**

Prezado participante,

Com o intuito de conhecer e compreender melhor alguns aspectos relativos à família, estamos realizando uma pesquisa coordenada por Bruna Moraes Cardoso, Mestrando do curso de Pós Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Para isto, estamos pedindo a sua colaboração no estudo.

Para participar desta pesquisa, você precisará responder alguns questionários individualmente. Para colaborar com nosso estudo você precisa preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido descrito abaixo. Gostaríamos de salientar que sua participação é voluntária e que você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento. Na divulgação dos resultados da pesquisa, será mantida em sigilo a sua identidade. Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos através do telefone 51- 9342-7797.

Desde já, agradecemos a sua colaboração,

Bruna Moraes Cardoso

Eu _____ declaro que fui informado dos objetivos e finalidades do estudo “Problemas Emocionais e de Comportamento e Relações Familiares em Adolescentes” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

_____, ____ de _____ de 20__.

Assinatura _____